

ALEXANDRE FÁVERO BULGARELLI

# Ensinando e aprendendo com a Velhice

NARRATIVAS DE UM  
PROFESSOR  
AINDA JOVEM



  
**UFRGS**  
EDITORA

Ensinando  
aprendendo  
com a Velhice



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO  
GRANDE DO SUL

---

Reitor

**Carlos André Bulhões**

Vice-Reitora e Pró-Reitora  
de Coordenação Acadêmica

**Patricia Helena Lucas Pranke**

---

EDITORA DA UFRGS

Diretora

**Luciane Gonçalves Delani**

Conselho Editorial

**Carlos Eduardo Espindola Baraldi**

**Clarice Lehnen Wolff**

**Janette Palma Fett**

**João Carlos Batista Santana**

**Luís Frederico Pinheiro Dick**

**Maria Flávia Marques Ribeiro**

**Naira Maria Balzaretto**

**Otávio Bianchi**

**Sergio Luiz Vieira**

**Virginia Pradelina da Silveira Fonseca**

**Luciane Gonçalves Delani, presidente**

ALEXANDRE FÁVERO BULGARELLI

# Ensinando aprendendo com a Velhice

NARRATIVAS DE UM  
PROFESSOR  
AINDA JOVEM



  
**UFRGS**  
EDITORA

© do autor  
1ª edição: 2020

Direitos reservados desta edição:  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa e editoração eletrônica: Rafael Menezes Luz  
Preparação de originais e revisão editorial: Gabriela Carvalho Pinto

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

**Alexandre Fávero Bulgarelli** é cirurgião-dentista, Especialista e Mestre em Saúde Coletiva e Doutor em Saúde Pública. É professor da Faculdade de Odontologia e do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCol) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua na área de saúde do idoso dentre outras.

---

B871e Bulgarelli, Alexandre Fávero

Ensinando e aprendendo com a velhice: narrativas de um professor ainda jovem [recurso eletrônico] / Alexandre Fávero Bulgarelli. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.

140 p. : pdf

1. Odontologia. 2. Odontologia geriátrica. 3. Educação em odontologia. 4. Narrativas. 5. Etnografia. I. Título.

CDU 616.314

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.  
(Jaqueline Trombin– Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-65-5725-024-2

## Sumário

|    |  |
|----|--|
| 7  | Prefácio   |
| 11 | Originando as narrativas de um professor ainda jovem |
| 17 | E o sabiá segue cantando                             |
| 21 | Decifrando os olhares                                |
| 25 | O inesperado com idosos                              |
| 29 | Alunos que nos surpreendem (o inesperado também)     |
| 33 | O tabuleiro xadrez da vida                           |
| 37 | Intempéries  |
| 41 | Ensinando Odontogeriatría no inverno                 |
| 45 | A morte  |
| 51 | Um grupo e um momento                                |
| 55 | Dois substantivos: a transubstanciação               |
| 59 | Sintonia metafórica                                  |
| 63 | Dias turbulentos                                     |
| 67 | Bolhas nos pés                                       |
| 73 | O medo   |
| 77 | Balas de funcho                                      |

|     |   |
|-----|---|
| 83  | Maitê Proença e a curiosidade enigmática        |
| 91  | A criatividade imediata                         |
| 95  | A alegria repentina                             |
| 99  | Desabafo  |
| 103 | Desinteresse interessante                       |
| 107 | Rede de aconchego                               |
| 113 | Linha tênue                                     |
| 119 | O aracnídeo                                     |
| 123 | A caixa de sapato e a busca pela função da boca |
| 129 | Copa do Mundo, alemães e a resiliência          |
| 131 | A despedida                                     |
| 137 | Referências                                     |

## Prefácio

Prof<sup>ª</sup>. Stela Nazareth Meneghel

Para falar de Odontogeriatrica e de sabiás...

É com satisfação que venho apresentar o livro de narrativas do professor Alexandre, odontólogo, professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGCol) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde atua como docente e pesquisador na grande área da Saúde Coletiva. Nesta obra, resultado de vivências e observações de “um professor ainda jovem”, ele nos conta pequenas histórias analisando suas próprias interpretações, relacionando-as com um contexto histórico e cultural situado no ensino em saúde na atualidade.

Fico pensando na contemporaneidade e nos processos de subjetivação que permitem transformar um odontólogo – vestido de branco da cabeça aos pés no seu glorioso primeiro dia de aula – em um antropólogo autodidata, às voltas com seus diários de campo, observações *in loco* e a busca de categorias explicativas para os eventos do cotidiano. Além disso, Alexandre nos apresenta um “sabiá porto-alegrense” para nos dizer sobre o papel do professor educador



como ator social norteador de atitudes. E, complementa, dizendo que para ser norteador de um aluno é preciso se autonortear, ou seja, ler, escrever, apagar, mudar, errar, corrigir, fazer e refazer aceitando as limitações e potências do humano.

Alexandre nos conta também do dia em que duas senhoras idosas moradoras do asilo foram suas professoras e lhe revelaram meandros da “subjetividade odontológica” na velhice. Velhas senhoras que falam de bocas que mastigam, engolem, sorriem, ganham e perdem dentes, são machucadas, envelhecem mas não perdem a vontade de narrar, relatar e criar. Bocas contadoras de histórias, tal qual os velhos, as crianças e os professores preferencialmente saboreando bolos de fubá e cafés aromáticos. Não podemos esquecer que o jovem professor, dentista vestido de branco e contador de histórias, é paulista.

Ensinar é sintonizar, diz Alexandre depois de passar pelo inverno porto-alegrense, por Melbourne, por grupos focais e pela morte. A morte, esse assunto que nos espanta e que enfrentamos de maneira tão unilateral, já que a negamos e a escondemos, envergonhados quando ela nos passa uma rasteira, onipotentes que queremos ser. Em uma história, a menina vestida de branco, que vai ser dentista, chorava no banco do asilo pensando na avó e o jovem professor dentista vestido de branco percebeu, ouviu e a acolheu, sintonizada com a menina, com a velhice, com a morte e, conseqüentemente, com a vida.

Só ensina quem aprende, ensinou Paulo Freire e Alexandre reconta esta experiência na narrativa “Bolha nos pés” e, como todo contador de histórias é um viajante, propõe uma relação entre Maitê Proença e a formação de cirurgiões-dentistas. Verdade. Enfim, pas-

sando ainda pela criatividade, pelo medo, pela alegria e pela catarse, chegamos a história de um aracnídeo, levado por um aluno em um vidro, que motivou uma conversa de todos sobre vulnerabilidade e resistência.

Acredito que estas histórias didáticas do nosso professor ainda jovem e vestido de branco sirvam para as leitoras e os leitores como reflexão crítica sobre a Odontologia, as vivências de campo, as bocas com e sem dentes, o ato de ensinar e aprender, as conversas com nossos estudantes (vestidos de branco e de outras cores), as histórias que inventamos, que vivemos, a vida e a morte.



## Originando as narrativas de um professor ainda jovem

A Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na qual sou professor, e que segue as prerrogativas nacionais para formação de cirurgiões-dentistas, oferta em seu currículo o campo de ensino da Odontogeriatrics. A referida faculdade encontra-se na cidade de Porto Alegre no sul do Brasil. Porto Alegre é uma cidade com mais ou menos um milhão e meio de habitantes e encontra-se em pleno processo de transição demográfica com queda da taxa de natalidade e aumento do número de idosos, semelhante à situação brasileira (Brito; Carvalho, 2015).

Seguindo as diretrizes curriculares brasileiras, a referida Faculdade de Odontologia busca oportunizar um aprendizado com um olhar humanizado ao paciente. A mesma prepara o aluno para o enfrentamento dos problemas de saúde de acordo com as demandas sociais da população brasileira. Uma das demandas é a atenção à saúde bucal da população idosa. Na percepção de seus alunos, o aprendizado fora da faculdade é desafiador, desperta interesse e curiosidade para explorar o desconhecido (Bulgarelli et. al., 2014).

Nessa perspectiva foi firmada, há mais de 15 anos, uma parceria entre a Faculdade de Odontologia e uma casa de acolhimento de idosos tradicional na cidade. Essa parceria consiste em ofertar assistência odontológica aos moradores idosos associada à formação do estudante de Odontologia. Desse modo, se associa assistência odontológica e formação de cirurgiões-dentistas para as demandas sociais da atualidade. Trata-se, portanto, de uma parceria legitimada socialmente e que traz consigo uma cultura de cuidado ao idoso e de formação em Odontologia. Tal cultura está viva na disciplina de Odontogeriatrics, pois a presença dos alunos todas as segundas-feiras de tarde no asilo faz parte da rotina da instituição. Tem-se então uma parceria institucional que promove a continuidade do cuidado em saúde bucal de idosos institucionalizados e o aprendizado para a formação de futuros cirurgiões-dentistas.

O asilo que recebe nossos alunos é uma instituição sem fins lucrativos lotada em um prédio histórico que enriquece a arquitetura do bairro em que foi fundado e consolida o acolhimento e o cuidado aos idosos. No referido asilo, nossos alunos têm a oportunidade de conviverem com idosos independentes e robustos, idosos em risco de fragilidade bem como idosos frágeis, dependentes e, também, idosos acamados. Os idosos acamados necessitam de cuidados constantes de higienização e manutenção da saúde bucal no leito. Nessas categorias, encontram-se alguns idosos na finitude, os quais necessitam de cuidados paliativos em saúde bucal. Este é um importante processo de cuidado em saúde que nossos alunos têm a oportunidade de vivenciar durante a sua formação.

Contextualizado nesta dinâmica do ensino da Odontogeriatrics, resolvi pesquisar, descrever e conhecer as relações e emoções por detrás desta disciplina realizada em um ambiente fora do ambulatório da faculdade. Dito de outra forma, busquei uma maneira de conhecer a cultura do ensino da Odontogeriatrics da Faculdade de Odontologia da UFRGS e situar-me dentro dela. Compreendi o dia a dia de um professor em uma disciplina em que o ambiente de trabalho não era exatamente a sala de aula nem mesmo as clínicas odontológicas da Faculdade de Odontologia. Desse modo busquei, por meio de uma pesquisa científica, apresentar o ensino da Odontogeriatrics descrevendo, narrando, identificando e analisando os desafios, as práticas, as relações e os sentimentos de um professor universitário na sua atuação como educador para a formação de futuros cirurgiões-dentistas. Acredito que, com a apresentação desta cultura, eu possa ajudar vários professores – nesta mesma situação de acompanhar alunos fora da universidade – a conhecerem seus espaços de trabalho e o ensino da Odontogeriatrics ou outra área da saúde.

Diante dessa possibilidade de pesquisa, desenvolvi um estudo autoetnográfico em meu espaço social de trabalho durante o acontecimento da disciplina de Odontogeriatrics de 2012 a 2015. Trata-se, portanto, de uma autoetnografia fundamentada no referencial metodológico da autoetnografia interpretativa na qual o pesquisador analisa suas particulares interpretações da relação com o objeto de pesquisa, posicionando tal relação no contexto cultural e histórico vivenciado (Bossle; Moline, 2009; Denzin, 2014). O referido caminho metodológico permitiu uma articulação e interpretação de *performances* sociais com as experiências vividas na construção de conhecimento sobre

algo. Para tanto, minhas experiências e interpretações não foram entendidas como categorias fundacionais e sim construções discursivas que se traduziram de certo modo em narrativas.

A autoetnografia apresenta a experiência humana em um método científico (Denzin, 2014) na qual o sujeito da pesquisa é o observador para análise da sua própria realidade (Bossle; Moline, 2009). Nesse processo, coletei os dados por meio de observações descritivas, participante e auto-observação com registro das informações em diários de campos e memorandos semanais (Adler; Adler, 1994). Nesse difícil processo, segui minha pesquisa observacional em que me envolvia com o acontecimento da disciplina e observava as pessoas interagindo no espaço da instituição asilar e no ambulatório da Odontologia. Observava, também, o tempo de aprendizado dos alunos e meu próprio tempo e meus próprios sentimentos. Como em uma matriz de associações fui observando, conectando e descrevendo tais aspectos que vivi durante quase três anos de pesquisa. Alguns resultados desta pesquisa apontaram uma cultura de constante negociação de realidades, sentimentos e emoções entre alunos e professores diante do enfrentamento das complexidades no cuidado em saúde bucal de idosos (Bulgarelli; Toassi, 2017).

No presente livro, por meio de um texto autoetnográfico na forma de uma narrativa em primeira pessoa, apresento alguns dos resultados da referida pesquisa. Tal maneira de escrever foi norteadas por estímulos interpretativos baseados em táticas autoetnográficas como *snapshots*, artefatos e metáforas presentes nos diários de campos, nos memorandos bem como nos momentos e acontecimentos da vivência no espaço social da pesquisa (Muncey, 2010). Para es-

crever os textos que se construíram como resultados em um processo cronológico de análise busquei o suporte teórico da perspectiva construcionista social (Gergen, 2015). Desse modo, tudo se construiu em textos narrados, respeitando marcas de oralidade.

Os referidos textos estão imersos na particularidade das minhas percepções. Tal fato permite que sejam lidas, sentidas e interpretadas dentro do discurso social envolvendo questões como ensino da Odontologia e a vida em instituições asilares. Esta maneira de pesquisar busca no comportamento humano uma ação simbólica (Geertz, 1989) que pode ser proveniente, também, das relações sociais emergentes entre os sujeitos (Gergen, 2015). Assim, as descrições densas provenientes das minhas relações com os colegas de trabalho, com os alunos, com os idosos institucionalizados, com a própria instituição para idosos e com a universidade refletem a cultura e os sentidos do objeto de pesquisa estudado. Dessa forma, busquei a complexidade de situações que envolvem o exercício do papel de formador e educador na contemporaneidade do envelhecimento populacional brasileiro e do ensino da Odontologia.





## E o sabiá segue cantando

Final de tarde.

Chove na cidade de Porto Alegre.

Hoje é mais uma sexta-feira chuvosa do final do mês de agosto e ouço um sabiá cantando. Interessante que sempre nos meses de agosto, setembro e outubro a cidade de Porto Alegre, ainda fria, fica repleta de sabiás cantando. Cantam felizes nas árvores e até nas janelas dos apartamentos. A vida continua um caos inseguro, ríspido, sem gentileza e sem tempo, imediatista, cada vez mais tecnológica, midiática e concretada, mas o “sabiá porto-alegrense” segue cantando. Não sei por que canta nessa época, e estou sem tempo para buscar o porquê. Ou talvez a resposta para este porquê não me interessa. O que me interessa é ouvi-lo e só.

Pelo fato de ser professor universitário, tenho que me interessar pelo por que de todas as coisas? Penso que não, pois também sou preguiçoso. Contemplar o som do sabiá cantando já me basta. Viver buscando o porquê, ou o para que das coisas nem sempre é legal e prazeroso. Por exemplo, não sei por que nem para que estou

escrevendo este livro. Simplesmente me deixo levar pela construção de frases que norteiam o que um dia eu vivi desenvolvendo uma pesquisa científica. Gosto desse “me levar” ao som de sabiás faceiros porto-alegrenses misturado com o som do teclado ao toque dos meus dedos que ainda digitam rápido e com o som da chuva.

Um dia vou envelhecer.

E vou digitar mais lentamente.

Óbvio.

Olhando pela janela de onde estou, de onde tento iniciar a escrita desta minha autoetnografia, busco localizar o dono desse canto. Será que ele está naquela paineira-rosa do outro lado da rua? Ou naquele ipê amarelo sem uma folha verde sequer? São somente flores amarelas e pronto.

Se eu fosse sabiá não gostaria de ficar em uma árvore sem folhas, me sentiria desprotegido.

O que sei é que o danado do sabiá está bem próximo deste texto. Ouvi-lo, ao digitar as teclas do computador para escrever, me dá uma falsa sensação de que o ar é puro e que a vida aqui é tranquila. Essa sensação provocada pelo canto de um sabiá faceiro, que canta mesmo em dia nublado de chuva, e uma paineira-rosa ao alcance da minha vista, me ajudam a olhar para as dezenas de diários de campo, fotografias, *vignettes*, lembretes colados na parede na frente do computador, livros e memorandos de congressos e colocá-los, todos, dentro de uma descrição e construção interpretativa de algo que vivi e que me permite olhar para o meu caminhar enquanto professor universitário.

Quero viver pelo menos mais 40 anos para reler este livro no futuro. Se tudo der certo até lá, e eu não esteja com dificuldades auditivas, talvez, alguma herança genética do dono desse canto

(que eu não consegui localizá-lo, e desisti, sou preguiçoso) vai estar cantando durante minha leitura neste livro que estará empoeirado.

Estou diante desta construção interpretativa sobre a experiência de ser um dos inúmeros elementos que constituem a formação de um profissional da saúde, especificamente de um cirurgião-dentista. Digo um dos elementos, pois para que o estudante em formação se transforme em um profissional (sim, é uma transformação) são necessários um elenco de atores, textos, conhecimentos, pesquisas, leituras, etc. O professor é apenas um dos atores dessa construção processual em forma de prática social.

Nesse caso, vejo o professor como o ator social norteador de atitudes.

A experiência de vivenciar uma autoetnografia mostrou-me que, para ser um norteador, é preciso se “autonortear”. Para “autonortear-se”, é preciso permitir-se errar, aceitar, valorizar, desprezar, sorrir, tentar, fracassar, ler, escrever, apagar, deletar, chorar, acertar e uma série de outras tantas emoções que vivemos diariamente desde o momento em que acordamos (nascemos) até o momento em que adormecemos (morremos). Ao participar como um dos elementos da formação profissional de uma pessoa é certo que no conjunto de tudo somos formadores de opiniões, valores, condutas e atitudes.

Dentre tantas palavras escritas, palavras memorizadas, palavras lidas, palavras sussurradas, palavras inseridas em *softwares*, palavras digitadas, palavras pronunciadas, palavras recebidas, palavras transcritas, palavras ímpares, palavras vazias, palavras contextualizadas, palavras vomitadas, palavras construídas e outras tantas, tentei organizá-las e apresentá-las neste livro que é o reflexo de quase três anos bem vividos em uma pesquisa científica autoetnográfica de um

professor universitário com alguns poucos anos de carreira, mas que busca qualificar os espaços que transita e que busca ser um bom norte para a formação de algumas pessoas que tiveram a disposição de um dia se transformarem em cirurgiões-dentistas.

Construí este livro dentro de um arcabouço de diários de campo, memorandos, vivências e conversas informais que tive ao longo do tempo de execução da pesquisa intitulada “Vivências extramuros na formação dos alunos do curso de Odontologia: professores-tutores e alunos construindo esse processo pós-moderno” a qual trabalhei entre os anos de 2012 a 2015.

Não posso deixar de esclarecer que toda esta produção parte da minha própria interpretação, daquilo que vivi como professor neste processo de transformar alguém para o bem. Os nomes dos personagens utilizados na escrita destas narrativas são fictícios, claro. As histórias são reais e socialmente palpáveis, mas os personagens (por que não chamar de personagens?) são frutos da minha criatividade e imaginação. Imaginação essa que é fundamental para ser professor e escrever um livro.

A chuva continua, e vem um cheiro delicioso de café. Vem do apartamento abaixo. Minha vizinha é uma idosa. Ela é uma pessoa simpaticíssima. Coisa não rara hoje em dia nesta faixa etária.

Vem o convite pelo interfone.

*... Só um pouquinho, já estou descendo Dona Sônia!<sup>1</sup>...*

E o danado do sabiá continua cantando, com barulho de chuva e cheiro de café!

---

<sup>1</sup>Todos os personagens porventura aqui citados são fictícios e foram construídos e inspirados em fatos reais.

## Decifrando os olhares

Hoje eu me lembrei do primeiro dia em que saí de casa vestido com roupas brancas para ir à faculdade. Foi a primeira vez que coloquei nos pés um sapato branco. Afinal, sapato branco só serve para isso, ser usado com roupa branca. Ansiava tanto em aprender o “ofício” escolhido que fui ao primeiro dia de aula do curso de Odontologia vestido com roupas brancas. Calça branca, cueca branca, camisa branca, meia branca e uma ansiedade tão sombria que me ofuscou os olhos e não enxerguei o bom senso para perceber que usaria roupas brancas apenas quando iniciasse minhas atividades de aprendizados clínicos. Dito de outra forma, eu usaria roupas brancas apenas um ano após o primeiro dia de aula. Simplesmente eu deveria ter tido 12 meses de controle. Pura ansiedade aquele dia, mas me saí bem. Peguei minha ansiedade e transformei em gargalhadas dentro do ônibus em que eu estava. Ria sozinho. Então parei, respirei, olhei para aquele meu momento e voltei para casa. Chegando em casa, deparei-me com meu pai (na época meu pai tinha 32 anos de Odontologia, hoje um cirurgião-dentista aposentado que trabalhou 46) que

riu e disse que, ao me ver sair, ficou se perguntando que situação era essa de ir vestido de branco no primeiro dia de aula. Esse é meu pai.

Hoje percebo que, depois de um tempo, a ansiedade serve para dar tempo ao tempo e com o tempo vamos aprendendo. E o aprendizado deve ser devagar.

É isso, aprendizado é algo que acontece devagar. Então, eu, hoje na condição de professor, tenho que ser paciente e dar tempo ao tempo. Administrar o tempo é um aprendizado e com ele se constrói muita coisa, inclusive controle de ansiedade. Será que esse texto (diário de pesquisa número 23 da minha autoetnografia) é sobre minha ansiedade? Mas minha ansiedade é bem controlada com o meu tempo.

Será?

É, sou um professor controlado. Controlado nas minhas falas, nas minhas emoções, nas minhas angústias, nas minhas dificuldades, nas minhas vitórias, nas análises dos dados de minhas pesquisas, na busca por fomento para analisar os dados da minha vida acadêmica e *et cetera*.

Meus momentos e minhas ansiedades andam juntos e se gostam. Meu momento, ou meu tempo não é necessariamente igual ao tempo dos meus colegas de trabalho, do meu chefe, da minha esposa, e nem dos meus alunos. Articular o meu tempo com o tempo das pessoas do meu mundo social não é algo fácil. No processo de ensinar-aprender, o importante é articular minha ansiedade, meu tempo e meu momento com a ansiedade, o tempo e o momento do outro. Tal articulação não é simples. Alguns poucos professores não respeitam o tempo nem o momento de aprendizado do aluno. Tais professores vivem em uma triste alienação que gera, talvez, este desrespeito com o momento do outro.

Então, ao escrever este texto, tive a lembrança do meu primeiro dia de aula, pois mais uma vez, turma após turma, hoje – primeiro dia de aula do ano de 2013 – vejo a ansiedade dos meus alunos na instituição asilar em que a disciplina de Odontogeriatrics acontece. Metaforicamente chamo de primeiro dia com roupas brancas fora da Faculdade de Odontologia. Este é o primeiro dia que eles enfrentam a Odontologia em um espaço real fora do conforto do ambulatório da faculdade. Hoje, eu, ansioso, enfrentei uma turma de alunos ansiosos.

Nos primeiros dias de aulas no asilo os olhares dos alunos são muito interessantes. Refletem medo, cuidado, apreensão, insegurança, curiosidade, alegria, expectativa e claro, muita ansiedade. E o meu olhar direcionado para eles?

Calma leitor, explicarei minha ansiedade.

Hoje foi o primeiro dia de aula em que eu comandi a disciplina sem a ótima parceria que eu tive com um professor que havia construído a referida disciplina há mais de 15 anos. Parceria de dois anos na qual aprendi e usufruí de tudo para me alimentar e me fortalecer com a sabedoria deste professor. Não conseguia me enxergar durante este primeiro dia de aula sem tal parceria. Não me enxerguei, simplesmente aceitei o desafio e segui. Ansioso, mas segui. E segui bem. Consegui seguir nadando suavemente dentro de uma cultura de aprendizado diferente do enlatado de: “faça apenas como dizem os artigos científicos”. Pura realidade, puro desafio, pura liberdade e pura dificuldade. Após esta primeira aula tentei decifrar o meu olhar, pois eu estava ansioso e não me enxerguei mesmo. Ou, talvez, a suavidade do processo me permitiu viver o ato de ensinar sem sofrer de ansiedade. E assim tento seguir.



Aquele dia foi de muita responsabilidade para um professor recém-chegado na universidade. Mesmo tendo coordenado outras disciplinas em outras faculdades em que trabalhei, o início daquela tarde de segunda-feira foi um momento muito especial para mim. O momento que vivi iniciando a disciplina sozinho e coordenando o aprendizado de 37 alunos fora dos limites físicos da faculdade.

Foi um típico desafio prazeroso.

Digo isso após ter passado pelo desafio do primeiro dia de aula sem o conforto de estar com suporte de um professor muito, muito mais experiente. Ter ao lado um colega de trabalho mais experiente deixa cada momento do ato de ensinar muito mais leve e prazeroso, afastando a ansiedade disfarçada de um professor menos experiente naquele momento como eu. Uma boa parceria no ato de ensinar nos ajuda a controlar a ansiedade e ensinar aprendendo nos momentos certos da vida acadêmica.

Desde então, lancei-me em um desafio constante de construir boas parcerias e decifrar olhares ansiosos como o meu.

## O inesperado com idosos

Dentre estas tantas tardes de segundas-feiras, em que fico com meus alunos na instituição asilar olhando para a saúde bucal de pessoas idosas, um fato chamou-me muito a atenção. Minha atenção foi desviada para algo inesperado. Sim, foi inesperado o que passei naquela tarde. Algo que, em quase duas décadas de profissão, nunca havia me acontecido. Foi uma atenção positiva, inesperada e subjetivamente construtiva. É esse o nome que dei a este fato inesperado que aconteceu naquele dia. Foi um daqueles fatos que nos marcam e fazem com que a gente pare durante algum tempo e reflita sobre o que está fazendo. Aquela parada momentânea que literalmente nos faz pensar na vida. Todos temos estas paradas para pensar na vida. Quem não vive estas paradas estimulantes ao pensamento não tem alma, nem cérebro.

Quando alguém te vê parado com uma xícara de café na mão e vem a pergunta:

*E então, Alexandre, em que você está pensando? Nada. Estou pensando na vida!*

Pois é, naquela tarde fiquei pensando na vida.

No futuro.

Na complexa saúde bucal na velhice.

Velhice é futuro.

Saúde bucal na velhice é futuro.

Tentei desvendar o que estava por trás do que aconteceu naquele dia. E, também, tento desde então pensar no que está pela frente em relação à saúde bucal na velhice. Será que terei todos os meus dentes quando minha velhice chegar? Será que a geração de adultos jovens de hoje manterão todos os dentes? Será que isso é uma utopia dental? Será que um dia saberei qual a sensação de ter um canal tratado? Será que um dia terei alguma história de sofrimento para contar sobre saúde bucal?

Resposta: não sei!

Esta tarde duas idosas me chamaram para conversar. Chamaram-me para sentar ao lado delas, debaixo de uma sombra, em um banco no pátio do asilo e disseram que gostariam muito de conversar comigo. Elas já haviam sido atendidas e estavam tranquilas em relação às próteses que haviam sido instaladas. Até aí, tudo tranquilo. Foi quando uma delas me disse mais ou menos assim:

– Professor, quem será o aluno agora é o senhor. Precisamos dar uma aula para o senhor para que o senhor explique para seus alunos o quê nós idosos queremos de tratamento de dentista...

Fiquei muito surpreso com o objetivo da conversa. Surpresas (que são sempre inesperadas), antes de tudo, nos provocam curiosidade. Certo? Então me deixei levar pela curiosidade e disse que eu seria um ótimo aluno e prestaria muita atenção no que elas tinham para me dizer.

Foi uma aula sobre um assunto que muitas vezes não percebemos no nosso dia a dia clínico-odontológico. Foi uma aula de curta duração, mas que me fez pensar muito sobre várias questões envolvendo a Odontologia e que muitas vezes nem percebemos a diferença que isso faz no cuidado da saúde bucal de idosos.

O tema daquela aula foi subjetividade odontológica na velhice.

Interessante olhar para o aspecto subjetivo da Odontologia em uma fase em que nossa boca já passou por inúmeras situações e já acumulou várias situações como qualquer outro órgão que envelhece e não nos damos conta disso.

A boca passa por várias coisas na vida dela e envelhece!

A boca mastiga, fala, engole, sorri, perde dente, ganha dente (artificial, mas ganha), é agredida, machucada (até um pão fresquinho pode machucá-la), vive e envelhece. Imaginem tudo isso repetidas vezes ao longo de décadas. Ouso dizer que a boca é um conjunto de órgãos involuntários, que pulsa subjetivamente sem parar, e envelhece.

Esta aula em que minhas duas professoras idosas me fizeram entender toda essa realidade ao longo da vida de uma boca não se resume só às questões fisiológicas e patológicas da saúde bucal. Envolve também a sua subjetividade. Mas o que é subjetividade?

A compreensão que trago sobre a subjetividade vem dos sociólogos e filósofos que carrego comigo. De certo modo eu compreendo subjetividade como os inúmeros contextos da “coisa interna” de nós seres humanos. Algo que está dentro das nossas emoções e sentimentos e que nos traz significados e perspectivas para as diversas situações em que

vivemos. Da subjetividade emergem ideias, pontos de vista de acordo com nossas prioridades, necessidades e *et cetera*. Então, socialmente, nossas ideias particulares vão se moldando de acordo com os contextos culturais e históricos que carregamos ao longo das nossas vidas.

Esta subjetividade odontológica é a convergência de percepções internas e sociais do que é nossa saúde bucal. A aula que tive naquela tarde à sombra de uma amoreira no pátio do asilo foi especificamente sobre a percepção interna e social dos idosos sobre saúde bucal. Que aula interessante e relevante. Naquele momento só nos faltava uma lousa e um giz. Durante nosso bate-papo sobre o que é importante para um idoso em relação ao cuidado com a saúde bucal, eu imaginava aquelas duas idosas com giz na mão, soltando aquele pó branco ao escreverem na lousa que os idosos precisam disso... disso... e disso para sua saúde bucal. E eu me imaginava sentado na carteira prestando atenção em tudo o que minhas professoras me explicavam!

Que tarde deliciosa passei aquele dia no meu trabalho como professor da área da saúde. Trabalhei e aprendi. Penso que um dos segredos da profissão de ser professor é isto: ensinar aprendendo. Imagino que este texto gerou uma certa curiosidade sobre o que aprendi com a tal aula inesperada com duas professoras idosas. Certo?

Querem saber o que um idoso, na atualidade, sente e precisa em relação à saúde bucal?

Faça um café bem fresquinho e convide um idoso para conversar sobre histórias e experiências vividas em relação a qualquer situação envolvendo um conjunto de órgãos, involuntários, que pulsa subjetivamente sem parar e envelhece. Sugiro um bolo de fubá para acompanhar o café, pois tais aulas costumam demorar!

## Alunos que nos surpreendem (o inesperado também)

Qual o significado da palavra surpresa?

Onde nossas ideias divagam quando nos deparamos com o vocábulo surpresa? A palavra surpresa é repleta de sentidos que nos levam para inúmeros lugares, pois por trás desta palavra existe um processo de desconhecimento. A surpresa não existe quando se sabe da existência dela mesma. A surpresa sem nos surpreender não tem sentido. Ela se torna finita exatamente no momento em que cruza uma linha tênue para um mundo oposto, o mundo da não surpresa. O substantivo surpresa vem carregado de sentidos como o verbo surpreender.

Eu surpreendo,  
tu surpreendes,  
ele surpreende,  
nós surpreendemos,  
vós surpreendeis...

Os alunos nos surpreendem...

Dar aula em um asilo onde os alunos se coordenam para cuidar da saúde bucal de idosos institucionalizados em muitos aspectos é

bem surpreendente. Várias vezes me pego surpreso (sendo surpreendido) com a atitude de carinho, solidariedade, compaixão e posturas éticas dos meus alunos para com os idosos com quem eles convivem durante um semestre inteiro ao longo do curso de Odontologia. Durante o semestre eles já se sentem parte do processo e da dinâmica do asilo em que atuam e este aspecto favorece a construção de vínculos com os idosos e enriquece o aprendizado.

É interessante ver como alguns alunos respeitam o fato de que estão fora da universidade. Respeitam, também, o fato de que estão diante de uma complexidade de cuidado em saúde. Talvez seja a primeira complexidade de cuidado humano que eles entram em contato nas suas vidas de 20 e poucos anos.

Muitas vezes fico surpreso com a criatividade, as boas ideias e, porque não dizer, boa vontade de trabalhar que alguns alunos apresentam ao longo do meu trabalho como professor. Observei várias destas situações criativas e de boa vontade nas atividades dos meus alunos ao longo dos anos.

Durante minha pesquisa autoetnográfica, eu vivia observando tudo (e registrando em meus diários de campo) enquanto exercia meu papel de professor. A observação como técnica de pesquisa científica não nos liberta do cientificismo das coisas, mas nos permite captar e sentir as emoções do que está por trás do ato de ensinar saúde bucal em situações emocionalmente complexas como muitas que vivi ao dar aula em uma instituição de longa permanência para idosos.

Vou contar algo que me surpreendeu.

Na instituição em que trabalhamos existia, na época, alguns idosos de origem alemã. Idosos na faixa dos 95 anos de idade que

vieram para o Brasil muito jovens. Outros que nasceram em períodos de guerras mundiais. É interessante a existência quase de uma “microcultura alemã” em pequenos espaços dentro da instituição asilar. Alguns poucos idosos alemães, que se mantinham ativos e mentalmente capacitados, comunicavam-se em alemão. Algumas palavras pronunciadas e compreendidas em português.

Dentro dos moradores no ano de 2013, duas idosas, especificamente, tinham muita dificuldade para se comunicar em português. Esse fato dificultava nossa função de cuidar da saúde dos idosos e ensinar Odontogeriatría ao mesmo tempo. Eu tentava me comunicar com uma delas. Era desafiador e quase impossível a comunicação verbal, pois não falo alemão.

Foi então que um aluno nos surpreendeu e entrou em ação.

E eu percebi que não era o único observador da área!

Eu estava sendo observado o tempo todo na minha jornada comunicativa com aquela senhora alemã. Durante algumas semanas o referido aluno percebeu minha dificuldade e veio conversar comigo sobre uma ideia que ele havia tido. A ideia era simples. A ideia era muito boa e tinha como objetivo facilitar a comunicação entre os professores e alunos com idosos que se comunicavam em alemão.

O aluno, o qual era descendente de alemães e conversava com os avós apenas nesta língua, fez um quadro em papel (que depois foi plastificado) contendo algumas palavras importantes em relação à saúde bucal em alemão com suas traduções em português. O quadro tinha até a maneira de pronunciar as palavras em alemão. Não é fácil pronunciar palavras em alemão. Para mim, de origem ítalo-milanesa, não é!



Veio funcionando muito bem a ideia deste aluno. Sempre ao abordarmos idosos de origem alemã lançávamos mão do “tradutor plastificado” que o aluno havia deixado no mural do ambulatório da Odontologia. Uma surpresa simples e que me causou entusiasmo pela maturidade do aluno em propor uma simples ideia que faria parte da rede complexa de cuidado com a saúde bucal de um idoso da nossa disciplina.

Compreender a importância da comunicação nesta rede complexa de cuidado faz muita diferença na saúde bucal de um idoso. Desse modo, *“Gute kommunikation erleichtert die pflege der mundgesundheits!”*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>“Uma boa comunicação facilita o cuidado com a saúde bucal”.

## O tabuleiro xadrez da vida

Hoje, mais uma segunda-feira de inverno, depois de resolver alguns problemas com o compressor do ambulatório do asilo ao término da aula, voltei para casa pensando no significado da palavra acolhimento.

Não sei por que este pensamento no acolhimento. Só sei que ele veio no meu final de expediente. Voltei para casa pensando no significado do ato de ser acolhido. Então me veio a pergunta: o que significa ser acolhido?

Eu penso que ser acolhido é ser recebido cuidadosamente, é ser aproximado, é ser contextualizado, é receber um abrigo provido de pura cumplicidade. Ser acolhido, e muitas vezes estar acolhido, é uma forma de ser cúmplice de contextos que constroem mutuamente o caminho para se atingir coisas boas. É como se um ritual de acontecimentos sequenciais, e outros simultâneos, se entrelaçassem em prol de algo comum, como o caminhar das peças em movimento em um tabuleiro de xadrez. O acolhimento é assim, é algo que emerge do movimento de algumas peças da vida. Algumas peças têm maneiras

únicas de se moverem e outras se movimentam livres, sempre dentro do mesmo tabuleiro. Talvez o acolhimento seja algo que só aconteça quando existe uma certa reciprocidade e sintonia nestes movimentos. Eu sou acolhido e devolvo, no tabuleiro da vida, um movimento que acolhe. Talvez seja a reciprocidade acolhedora que movimenta a vida.

Será?

Penso que seja mais ou menos assim: acolher é um conjunto de peças vivas que se movimentam reciprocamente para que haja vários vencedores. Todos vencem no movimento de acolher. Na vida tudo o que é humano, de certa forma, relaciona-se com este movimento de acolhimento. Vamos pensar desde o início da vida. Um óvulo, depois de fecundado natural ou artificialmente, é literalmente recebido no útero. Lá no útero ele busca ser acolhido. Caso o útero, em um movimento de reciprocidade, acolha este óvulo fecundado ele vai se desenvolver e a história vai continuar. Porém, se o útero não o acolhe, a história acaba ali. O acolhimento é humano desde os primórdios da vida. É um conjunto de movimentos acolhedores que se sintonizam.

Ao olharmos para uma história que deu certo (me refiro ao óvulo fecundado que foi acolhido pelo útero) uma vida inteira de experiências com o ato de acolher e ser acolhido será construída. Por ser um movimento que, quando recíproco, é muito mais saudável e positivo para todos os envolvidos, o acolhimento existe desde o útero. Literalmente.

Ampliando um pouco mais o pensamento sobre acolhimento, tenho em mente outro caso de acolhimento que vivi. Sim, digo outro caso, pois há mais de 40 anos atrás, eu fui acolhido pelo útero

da minha mãe, mas não me lembro. Sinceramente não me lembro ao certo. Tenho apenas vagas lembranças desta época. Lembro-me apenas que o útero que me acolheu recebia todo o meu respeito. Neste movimento síncrono ele me respeitava também. Foi um período bem legal da minha vidinha espremida e úmida.

Enfim, este outro caso de acolhimento bem mais recente a que me referi no parágrafo anterior foi o momento em que assumi meu atual cargo na universidade. Antes de ser acolhido na universidade em que trabalho atualmente e que me permitiu construir o presente texto, eu havia trabalhado em outras duas universidades. Não sei explicar ao certo, mas o acolhimento que recebi nesta universidade me deu mais autonomia e mais possibilidades para meu crescimento profissional. Talvez seja meu amadurecimento profissional que modificou minha percepção dessas coisas, ou talvez a minha nova universidade tenha um perfil diferente para a construção de movimentos recíprocos e sintonizados com novos professores.

Outro caso de acolhimento que presencio é reflexo de uma parceria construída há mais de 15 anos entre o asilo e a Faculdade de Odontologia (que me acolheu). Tal acolhimento é o movimento sintonizado de respeito entre tais instituições que gera o espaço em que exerço minha função de educador e formador de futuros cirurgiões-dentistas em um ambiente real de acolhimento e cuidado em saúde e carinho com idosos. Outras peças estão envolvidas neste tabuleiro de formação em saúde como outros professores, outros funcionários, os próprios idosos e claro nossos alunos. Imaginem todas estas peças se movimentando de maneira organizada em uma relação de acolhimento e respeito tendo como objetivo final vários

vencedores. Nós, professores e nossos alunos, nos sentimos muito bem acolhidos e respeitados neste espaço de formação e cuidado em saúde.

Os idosos nos acolhem e nós acolhemos os idosos. Os funcionários nos respeitam e nós respeitamos os funcionários. A dinâmica do funcionamento do asilo nos acolhe e nós respeitamos esta dinâmica. O asilo como um todo nos acolhe e nós respeitamos muito esta acolhida. A parceria entre instituição asilar e instituição de ensino acolhem-se e respeitam-se simultaneamente e nossos alunos agradecem.

Enfim, é fácil a matemática do acolhimento, basta ser recebido cuidadosamente, ser aproximado e contextualizado sobre as realidades do local que te acolhe, e movimentar as peças do xadrez respeitando as possibilidades de movimentos e ter como auge o respeito mútuo.

## Intempéries

A aula de hoje, que foi cancelada, me trouxe uma lembrança bem legal. Mais uma lembrança de quando fui estudante de Odontologia. Lembrei-me do primeiro idoso que atendi na faculdade... Na época não havia uma disciplina sobre cuidados específicos com a saúde bucal de idosos. Lembro-me bem que eu não havia atendido nenhum idoso na disciplina de prótese total. Eu não havia atendido em uma disciplina em que o aluno aprende a confeccionar uma dentadura. Atendi o idoso na disciplina de Endodontia. Sim, aquela disciplina em que o aluno aprende a tratar o famoso canal do dente... O primeiro tratamento de canal que eu fiz na vida foi em um idoso de 82 anos! Imaginem, minha primeira tentativa na vida de fazer um tratamento de canal foi em um idoso. E muita gente, ainda hoje, pensa que idoso não tem dente.

Ler este fragmento de mais um diário de campo foi interessante. Hoje trabalho na área de saúde do idoso e o início da minha caminhada profissional foi com um paciente idoso. Confesso que não me lembrava deste idoso (memórias muitas vezes vêm e vão quando querem). Porém,

meu cérebro fez uma conexão lunática, na tarde de hoje (repito que a aula foi cancelada), que me fez lembrar daquele idoso japonês que eu havia atendido há 20 anos atrás.

Pensem comigo sobre a conexão que meu cérebro fez.

Chovia muito e eu estava indo para a aula quando me deparei com o trânsito todo parado. Havia alguns poucos quilômetros na mesma avenida para eu percorrer e chegar ao asilo. A chuva não perdoava os motoristas daquela avenida. Como toda cidade grande mal planejada, a água começou a subir rapidamente e o trânsito virou um caos encharcado e úmido e com a água subindo. Foi, então, parado no trânsito amedrontador e sem enxergar um palmo na minha frente que meu cérebro começou a fazer associações e conexões.

Primeiro conector da minha conexão cerebral: tratamento endodôntico em idoso. É muito raro, talvez estranho e singularmente possível, realizar um tratamento endodôntico há 20 anos atrás em um idoso de 82 anos com todos os dentes na boca. É quase uma glória divina um idoso de 82 anos de idade (na década de 1990), que obviamente havia nascido no início do século passado, ter passado por mais de 8 décadas de vida e manter todos os dentes na boca. Praticamente um milagre. Mas como todos sabem, daqui para frente podemos afirmar que será cada vez mais comum tal milagre acontecer com mais frequência entre a faixa etária acima dos 80 anos de idade!

Segundo conector: idoso de origem japonesa. Foi muito interessante o atendimento que realizei na década de 1990, pois uma das filhas era a intérprete do idoso de origem japonesa. Sim, ele só falava japonês. Aprendi muitas coisas e foi o primeiro momento da minha vida odontológica que tive a perspectiva de que educação e cultura estavam diretamente

associadas com saúde bucal. Percebi na época que esta associação se refletia na condição da saúde bucal na velhice. Veio aquela onda de uma percepção inicial de um aluno que está descobrindo as intrigas, ironias e potencialidades da Odontologia. Naquele momento comecei a perceber que a saúde da boca é reflexo de uma infinidade de contextos vividos.

Terceiro conector: *tsunamis*. O Japão é um país excepcional, porém acontecem terremotos e *tsunamis* com maior frequência que no Brasil. Sempre tive vontade de conhecer o Japão. Atender e conversar com aquele idoso em 1996 transportou-me um pouco para o Japão. A curiosidade nos transporta para os lugares, e as conversas com aquele idoso japonês, por meio da intérprete, me levaram ao início do século passado para uma ilha rodeada de água por todos os lados exatamente como eu estava (lembrem-se que neste momento de pensamentos e sinapses cerebrais eu estava no meu carro parado no trânsito com água da chuva na metade da roda e com um certo desespero). Eu estava em uma pequena ilha com quatro rodas de fabricação japonesa.

No meio deste *tsunami* de sentimentos, lembranças e muita água, fui me transportando até a estória que ouvi sobre a infância daquele idoso em uma pequena ilha onde os pais confeccionavam artesanalmente as escovas de dente dos filhos com cerdas retiradas entre os espinhos de um determinado ouriço-do-mar. Ou seja, aquele idoso que eu atendia escovava os dentes desde sua infância com escovas feitas artesanalmente pelo próprio pai.

Fantástico!

Cultura, cuidado, saúde bucal, aprendizado e Endodontia aos 82 anos de idade. Enfim, durante a tempestade em que eu enfrentava para-ndo vendo a água subindo ao meu redor, meu cérebro conectou situações



como *tsunami*, Japão, idosos e tratamento endodôntico. Enfim, nesta tempestade de pensamentos, raciocínios rápidos e muita água pensei no que eu deveria fazer com a aula do dia, pois os alunos não conseguiriam chegar ao asilo. Naquele momento, eu e os outros professores que nos encontrávamos na mesma situação fomos nos falando pelo celular e resolvemos que a aula deveria ser cancelada pela intempérie. Trancado no trânsito, entrei em contato com o representante da turma dos alunos e ele me disse que alguns alunos já estavam no asilo. Disse que aula havia sido cancelada. Fiquei surpreso com a organização de certos alunos para chegarem cedo à aula justamente pensando na acessibilidade até o asilo em dias chuvosos.

Na aula da semana seguinte comentei com os alunos sobre aquilo que eu havia passado e sobre o famoso tratamento endodôntico no idoso que eu havia me lembrado naquele momento. Foi uma situação interessante, pois trabalhamos conceitos das complexidades clínicas da realização de tratamentos endodônticos em idosos. Conversamos, também, sobre o fato de que eles são de uma geração de profissionais da Odontologia que enfrentarão tais complexidades com maior frequência do que eu.

A única coisa que meu cérebro não conectou foi a lembrança do nome deste idoso que me fez aprender muito sobre saúde bucal e que de certa forma ajudou a conectar meus pensamentos para ensinar meus alunos sobre algo relacionado à endodontia na terceira idade. Enfim, não me lembro do nome dele. O importante foi o aprendizado que tive com aquele idoso japonês que escovava os dentes com escovas de cerdas de ouriço-do-mar feitas pelo pai e que, com certeza, tinha mais vivência com *tsunamis* e conseqüentemente menos medo de água do que eu.

Obrigado senhor japonês!

## Ensinando Odontogeriatría no inverno

O inverno em Porto Alegre costuma ser mais rigoroso que no resto do Brasil. A cidade fica um pouco cinza, chuvosa e muito fria. Mas a cidade tem uma cultura de inverno, e o porto-alegrense vive o inverno. Isso é muito bonito e divertido de se ver. Os idosos tiraram seus pesados casacos dos roupeiros e vão para as ruas desfilar suas estratégias de aquecimento corporal. No ano em que cheguei na cidade, um bom tempo atrás, eu só ouvia as pessoas dizendo que naquele ano a temperatura seria bem baixa e que o frio viria com tudo. Fiquei preocupado, me preparei bem e dei aula no inverno. Tudo ocorreu dentro do esperado.

Comecei a perceber que o inverno rigoroso para os padrões brasileiros, como toda estação do ano, é muito bom. Porém, pensando por outro lado, quando o ser humano se encontra em uma fase da vida que necessita de cuidados mais complexos em relação à saúde, talvez não seja uma boa estação do ano para se viver.

O ser humano envelhecido, talvez, se sinta um pouco mais prejudicado com baixas temperaturas. Ser idoso no inverno talvez

seja um pouco mais complicado. Não sei, esta é minha percepção. Questões como hidratação corporal, doenças virais típicas desta época do ano, mudança no tipo de alimentação dentre outras situações podem ocasionar situações imunológicas mais deficitárias e isso gera possíveis problemas de saúde e até problemas emocionais.

Depois de alguns anos ensinando Odontogeriatrics em um asilo posso afirmar que algumas questões devem ser pensadas e planejadas antes de trabalharmos o processo ensino-aprendizagem com uma população nesta faixa etária. Precisamos sempre pensar nas questões da dinâmica da própria instituição e da “dinâmica fisiológica” e “emocional” dos idosos. Darei um exemplo com um fragmento do meu diário de campo.

Hoje de tarde fez 7 °C. Muito frio. O pátio e os corredores do asilo estavam desertos e o silêncio pairava no ar. Quase todos os atendimentos foram cancelados, pois a maioria dos idosos estava embaixo de suas mantas nas suas camas, assistindo TV, na enfermaria com gripe ou no refeitório do asilo tomando um bom chá com uma cuca quentinha. Os alunos não entendem ao certo essa dinâmica idosa de se aquecer e se desligar do mundo no aconchego de suas mantas e não comparecem no ambulatório para atendimento odontológico. Mas isso não prejudica o objetivo da disciplina, tudo é aprendido. Quem sabe uma conversa sobre higienização de dentadura tomando um chá com os idosos no refeitório? Foi isso que alguns alunos fizeram hoje. Enfim, ensinaram, aprenderam e tomaram chá!

Todo o inverno é quase sempre assim no asilo, alguns idosos não comparecem ao atendimento no ambulatório da Odontologia.

O absenteísmo é comum nessas condições. Alguns idosos faltam às consultas agendadas em dias muito frios, pois estão gripados ou mesmo não querem deixar o conforto dos seus dormitórios aquecidos. Eu também não trocaria o conforto da minha cama em um dia frio e chuvoso por um tratamento odontológico. E a preguiça de sair da cama? Como fica?

Enfim, todas estas situações que parecem simples e fáceis de enfrentar para jovens ou adultos jovens são um pouco mais complicadas quando se envelhece. E este contexto precisa ser respeitado. O respeito a estas condições e situações fazem com que nossos alunos entendam questões correlatas sobre o envelhecimento e sobre a velhice. Estas questões enriquecem seus aprendizados sobre a dinâmica de vida de idosos institucionalizados. O respeito ao momento do outro, o respeito à vontade de ficar na cama, o respeito com a dinâmica do idoso institucionalizado.

Penso na importância desse tipo de aprendizado em contextos climáticos diversos, já que o futuro do “futuro cirurgião-dentista”, que passa pelo espaço de aprendizado em que sou o formador de opinião, poderá ser o trabalho em uma instituição asilar, ou mesmo o atendimento dessa parcela da população em suas clínicas e consultórios que funcionarão à mercê das intempéries. Estes futuros profissionais precisam entender esse tipo de respeito ao momento do outro e o respeito às intempéries da vida. Este fato nos enriquece.



## A morte

É estranho escrever sobre a morte. Escrever sobre algo natural e triste dentro de uma reflexão sobre ensino? Morte e ensino? Finitude, envelhecimento com dependência e cuidados paliativos em saúde bucal? Alunos de Odontologia vivendo um pouco deste aprendizado? Estranho, não é? Mas, afinal o que a palavra morte, escrita no título deste texto, traz para o ensino de contextos da saúde bucal de idosos? Caso esta curta narrativa abordasse assuntos como estudo da anatomia humana para formação de profissionais da saúde, a resposta para essa pergunta seria mais fácil. Ou não.

Para a maioria das pessoas a morte é algo triste. Para mim é triste. Para as perdas que já tive na vida, a morte é algo triste. A morte me traz um certo vazio que se preenche com choro e uma certa tristeza sazonal (luto). Mas ao mesmo tempo a morte (depois de um tempo vivido de luto) me traz uma sensação de necessidade subjetiva de recomeço. Esse processo de recomeço suscita uma certa capacidade em estarmos dispostos a nos emocionar e a aprender.

Quando estamos dispostos a aprender, acredito que até a morte nos traz ensinamentos. O ensinamento fica na dependência desta disponibilidade emocional e desta capacidade de aprender. A capacidade de aprender, nessas situações, necessita de uma certa sensibilidade. Uma sensibilidade que pode estar presente em alguns seres humanos.

Percebo, na minha caminhada, que muitos alunos têm essa certa sensibilidade que está ligada a uma disponibilidade emocional para aprender. Emocionar-se durante um processo de aprendizagem é algo muito interessante. Sim, seres humanos se emocionam e, muitas vezes, aprendem certos aspectos sobre saúde bucal de idosos com as reações provenientes de algum sentimento humano como a saudade.

Vamos pensar neste algo que se chama saudade. Saudade, aquele sentimento humano que provoca reações emocionais e físicas simultaneamente. O choro, por exemplo, é emocional e físico ao mesmo tempo. Não é? A alma chora e as lágrimas são produzidas e escorridas. Choro, saudade, morte e aprendizado. Estranha esta associação de palavras?

Estes dias eu estava relendo meus diários de campos, e durante o processo de imersão para análise, deparei-me com um diário muito emocionante. Tentei me lembrar do dia relatado no diário e não consegui. É interessante “nos lermos”. Nesse registro de dados científicos me percebi totalmente distante de uma coleta de dados e me vi como professor para vida. Achei interessante no diário ler sobre o que eu fiz.

Hoje me deparei com algo inusitado durante a aula. Uma aluna chorando e sentada em um banco debaixo de uma amoreira no pátio do asilo. Ela estava sozinha sentada debaixo de uma sombra em um dia de primavera bem ensolarado. Depois de algum tempo de aula percebi que a aluna ainda estava da mesma maneira. Fiquei preocupado. Saí do ambulatório e fui ao encontro dela. Ela continuava chorando. Perguntei se podia me sentar e perguntei o que estava acontecendo. Costumo não julgar os alunos (me eduquei a isso) e deixei que ela falasse. Depois de ficar mais tranquila ela me disse que não fora muito próxima da avó, e que a idosa que ela estava acompanhando nas atividades da disciplina era muito semelhante a esta avó. O problema é que a avó havia falecido há pouco tempo.

Foi então que conversamos sobre morte, perdas e saudade. Tentei deixar a aluna manifestar seus sentimentos para, então, eu tentar entender mais profundamente o porquê do choro no momento da aula. Será que era um choro de saudade de uma avó que ela não tinha contato? Será que era a lembrança constante da ausência de uma avó que fazia com que ela sofresse? Foram só questionamentos, pois todos nós, seres humanos, manifestamos alguns sentimentos por meio da *performance* do choro.

O chorar me interessa.

Ao longo do nosso bate-papo, ela disse que chorava de tristeza. Tristeza pelo fato de que ela agora sabia alguma coisa sobre cuidados paliativos em saúde bucal na velhice, cuidados com a saúde bucal de um idoso em sua terminalidade (terminalidade ou finitude pelo próprio envelhecimento avançado) e não poderia fazer nada



pela saúde bucal da avó que havia falecido. Ela me disse que se sentia estranha porque ela poderia ter se aproximado da avó por meio da Odontologia. Pensei comigo: aproximar-se pela Odontologia? Curioso, fui conversando sobre esse fato, pois na minha percepção este seria um exemplo importante de solidariedade intergeracional que tanto defendemos nas questões de promoção de um envelhecimento ativo. Com nossa conversa pude perceber que na atualidade – em que ela era aluna de Odontologia e estava aprendendo a Odontogeriatrics – ela poderia ter utilizado este fato para se aproximar da avó que era moradora de outro asilo. A aluna disse que se achava estranha por cuidar da saúde bucal de idosos de um asilo e nem mesmo ia visitar uma avó institucionalizada. Ela me disse chorando que várias vezes tinha vontade de ir ao asilo em que a avó estava para saber como era o cuidado com a saúde bucal que ela estaria recebendo, e poder contribuir de alguma forma. Ela me disse que era uma “obrigação” ética dela pela profissão que havia escolhido. Achei interessante que não era uma “obrigação” social, nem familiar e nem mesmo sentimental e sim uma “obrigação” odontológica. A Odontologia a obrigava a cuidar.

Interessante. Neste momento entendi a tal obrigação como uma responsabilidade ética e social. É, prefiro chamar de responsabilidade...

Ao reler este diário fui me lembrando do referido momento. Finalizando nosso bate-papo embaixo daquela amoreira disse que, na minha percepção, a morte da avó fez com que ela compreendesse o tanto que somos importantes e úteis na vida de alguém até mesmo

pela profissão que escolhemos. Fiz ela pensar, utilizando o mesmo contexto que ela verbalizou, que a Odontologia é uma agregadora de cuidado. Muitas vezes aprendemos a nos aproximar por meio do cuidado em saúde bucal que, no contexto do aprendizado dela, era a aproximação com pessoas mais velhas que necessitavam de cuidados odontológicos. Disse para ela que a oportunidade de cuidar da saúde da avó não existia mais, porém o aprendizado dela iria servir para cuidar de muitos outros idosos, da família ou não. Isso era importante. Aprender até mesmo com as perdas. Ou mortes.

Enfim, cuidados paliativos, finitude, morte e saudade são assuntos que, conversados com um professor debaixo de uma amoreira, nos ajudam a compreender um pouquinho dos contextos da saúde bucal na velhice e enriquecer o aprendizado.



## Um grupo e um momento

A aula de hoje foi bem tranquila. Tudo funcionou quase perfeitamente. Os alunos funcionaram. Os equipamentos funcionaram. As tecnologias leves funcionaram. Porém, eu não funcionei bem. Ao final da aula senti que eu mesmo não havia funcionado direito. Faltou alguma coisa. Faltou alguma cena para a peça ser aplaudida de pé. Fiquei com aquela sensação de que o dever estava cumprido, porém podia ter sido muito melhor. Não é uma questão de ser muito crítico consigo mesmo, mas é que quando faço gosto de fazer bem feito. Quando durmo, gosto de dormir bem dormido, quando bebo vinho gosto de beber bem bebido, quando trabalho gosto de trabalhar bem trabalhado e assim a vida segue. Mas na aula de hoje senti que não “ensinei bem ensinado”.

Existem dias na vida de um professor em que tudo acontece perfeitamente dentro do planejado. Existem dias que não. Na aula de hoje, os alunos estavam interessados em aprender, estavam criativos com as abordagens aos idosos, cuidadosos com os atendimentos, adequados aos planejamentos cirúrgicos, preocupados com a manutenção da limpeza do ambulatório, etc. Porém, voltei para casa após um dia de trabalho com aquela sensação autocrítica de que não havia feito bem feito.

Algumas semanas depois, ao ler um diário de campo da minha autoetnografia (que eu sempre escrevia na noite do dia em que aconteciam as aulas de Odontogeriatrics), pude perceber o porquê daquela minha inquietação de que algo havia faltado naquele dia de ensino.

Hoje tivemos a realização de um grupo focal no asilo. É interessante como a possibilidade de trabalhar, ensinar e ofertar atendimento odontológico fora do espaço da faculdade nos proporciona diferentes oportunidades, inclusive com pesquisa científica. Escrevo isso porque o grupo focal tinha o objetivo de construir conhecimento científico sobre possibilidades de aprendizado da Odontogeriatrics com ferramentas de ensino a distância. Como foi difícil trabalhar com essa gurizada... como foi difícil conduzir um grupo de alunos com o objetivo de conversar sobre um assunto de interesse da disciplina que eles estavam cursando... já havia trabalhado com grupo focal em outras pesquisas e nunca havia sentido tanta dificuldade como hoje...

Consegui fazer com que eles falassem abertamente sobre o assunto. Falaram muito – queixas, novas ideias, discutiram entre si em relação ao fato que uns alunos se dedicavam menos que os outros e assim por diante... Uma roda de conversa de um pouco mais de uma hora. Mas no fundo tenho que fazer outro encontro, pois eles estavam na defensiva, estavam retidos, estavam inseguros... não sei... penso que é coisa de momento... hoje o dia não foi 100 % legal... não funcionei direito. Talvez se eu tivesse pensado em outro momento eles estariam mais soltos e responsivos.

Não deu, vou retomar este grupo focal outro dia... talvez no verão.

A vida de um professor universitário é uma vida de momentos. Existem momentos de estudo, momentos de aprendizado, momentos de investimentos, momentos clássicos em sala de aula e outros tantos momentos. Neste contexto, existem os momentos para se realizar encontros e grupos focais, para se discutir sobre algo importante para a disciplina em que se trabalha. No meu caso o problema foi o momento. Naquele dia de trabalho, tudo havia funcionado bem e o professor estava em um momento que não contribuiu.

Talvez o cansaço mental de ter trabalhado o dia todo?

Talvez cansaço físico?

Talvez vontade de voltar logo para casa?

Talvez o estresse momentâneo de um final de jornada de trabalho?

Não posso dar respostas exatas. O que posso dizer é que muitas vezes trabalhar como professor é reflexo de saber conduzir bem os grupos em que estamos vinculados, sejam eles grupos de pesquisa, rodas de conversa, grupos de trabalho ou mesmo grupos de convivência.



## Dois substantivos: a transubstanciação

Melbourne é uma cidade totalmente comestível. Faça o uso que quiser desta metáfora. Uma cidade jovem, cosmopolita, organizada, civilizada e acolhedora. Oferece boa comida, boa cerveja, várias opções culturais, boa conversa e boas universidades. Melbourne é uma cidade para saborear, e nos oferece conhecimento como uma ótima opção de alimentação. Mas literalmente fica do outro lado do mundo.

Visitar Melbourne me fez muito bem.

Esta minha visita – de cunho acadêmico – a Melbourne me fez pensar no tema parcerias e escrever este texto autoetnográfico. Foi interessante pensar que parcerias entre universidades estrangeiras e universidades brasileiras são situações acadêmicas em que o construto final é uma questão de práxis que se inicia com o simples ato de conversar. Tudo é questão de dialogia, de conversas que levam a construções concretas de boas parcerias interinstitucionais na construção de conhecimento.

Porém, esta narrativa não é sobre construção social de parcerias entre universidades, nem mesmo sobre minha primeira ida à Aus-



trália. Não, não é. Esta narrativa é sobre parceria entre professores. Professores precisam ser parceiros na construção de algo. Se querem construir algo é necessária a existência da parceria. Se o objetivo é o aprendizado da Odontogeriatrica fora da clínica de uma faculdade de Odontologia, por exemplo, alguns professores precisam pactuar as ações para tal aprendizado na forma de parcerias.

Parcerias não são fáceis.

No caso de uma possível parceria, nosso primeiro olhar deve ser sempre para a construção dos diálogos entres os sujeitos que irão construir uma parceria. Com quem dialogar? Em seguida, com a escolha de possíveis parceiros, vem o diálogo sobre as diversas situações que envolvem a parceria, dentre elas os objetivos. Quais os objetivos de uma parceria focada na formação de futuros cirurgiões-dentistas? Nós, professores, o que queremos construir? Bons alunos? Bons cirurgiões-dentistas? Bons professores? Boas parcerias para gerar bons alunos, bons dentistas e bons professores?

O que queremos? Para que queremos?

Construir parcerias saudáveis é algo essencial para a caminhada profissional de um professor. A parceria é fundamental, pois sozinho um professor não exerce seu papel de educador, instrutor e formador. Sim, parceria, esta é a palavra. Parceria para aprender a ensinar ao longo da carreira.

No meu caso, ao longo dos meus 40 e poucos anos, construí poucas e ótimas parcerias. Sou um bom parceiro para esposa, família, amigos, colegas de trabalho, animais de estimação, bebidas alcoólicas, etc. Dentre vários sentimentos envolvidos nestas boas parcerias, um substantivo fundamental e desencadeador de bons resultados é

o substantivo confiança. Este substantivo, chamado confiança, encaixa-se perfeitamente no substantivo parceria. Um não vive sem o outro. Para ser parceiro tem que ser confiável e confiar. Interessante como dois substantivos somados geram um adjetivo e um verbo. É quase que um processo de transubstanciação.

Enfim, hoje eu deveria estar no asilo, lá no Brasil, com meus alunos juntamente com meus colegas de trabalho. Mas não. Estou em Melbourne. Literalmente do outro lado do mundo. Ou no fim do mundo. Estou em afastamento para participar de um congresso sobre *qualitative research methodolgy* e não consigo me desligar da minha autoetnografia sobre ser professor.

Nem sei se hoje é segunda-feira, esse fuso horário é interessante. Bom, se for terça, peço desculpas ao leitor com um atraso de 12 horas. O que sei é que estou em uma cafeteria bem charmosa, na frente do meu *ultrabook*, escrevendo com a companhia de uma xícara de café, algumas lembranças, ideias para escrever, muita confiança nos colegas de trabalho e saudade da minha esposa.



## Sintonia metafórica

Ensinar é sintonizar.

Ensinar é estar constantemente sintonizado. Aquela coisa de entrar na mesma frequência que o outro e seguir dentro de uma coerência de reciprocidade para que haja uma construção conjunta de ensinamento, e conseqüente aprendizagem. É como buscar manualmente uma rádio nos nossos aparelhos eletrônicos. Aquela coisa de manualmente irmos bem devagar até encontrar uma frequência que nos faz ouvir uma rádio. Hoje em dia é só apertarmos um botão e tudo sintoniza sozinho e a rádio simplesmente aparece. Com o ensinar-aprender não é assim. É necessário o dom de calmamente buscar a sintonia perfeita com sensibilidade ao longo de um tempo. É quase que uma arte performática temporal síncrona.

Mas a metáfora que utilizo neste texto sintoniza o quê com o quê? Ou, quem com quem? Ou o quê com quem? Esta sintonia metafórica é algo muito subjetivo. É algo que remete às emoções e aos sentimentos associados a uma estranha capacidade de gostar de ensinar. Ensinar também emociona e precisamos ser capazes de nos emocionarmos.

Há muito tempo atrás minha falecida avó um dia me disse uma coisa muito importante que carrego desde então. Ela tinha o dom de cozinhar e nos contagiava com suas hilariantes falas e teorias sobre o fato de ser velha. Aquela típica *nonna* italiana da roça um dia me disse algo muito interessante sobre a arte de fazer pão. Eu sempre adorava fazer pão com ela e me divertia com sua presença. Literalmente eu punha a mão na massa e estava sempre sob o olhar dela.

Em uma ocasião ela me disse que sempre ao fazer um pão ela entendia qual farinha era aquela que ela estava usando, qual forno ela iria usar, qual fermento ela tinha e qual temperatura estava na mesa para sovar a massa (em dia muito frio ela passava um pano aquecido na mesa antes de sovar). Além disso, ela prestava atenção nas pessoas que estavam na cozinha com ela. Ela dizia que, para o pão ficar ótimo, tudo tinha que “*parlare a tutti*”.<sup>1</sup> Esta metáfora fazia muito sentido, pois tudo tinha que conversar com tudo. Tudo tinha que estar sintonizado. Os ingredientes, as ferramentas e as pessoas ao redor do objetivo final, que era o pão. Tudo influenciava no produto final, e o mais interessante é que tudo tinha que conversar com o personagem principal que era a cozinheira.

Talvez essa não seja uma boa comparação em uma pesquisa autoetnográfica sobre ensino e aprendizagem da Odontogeriatrica, mas as recordações e receitas de pão fundiram-se na experiência que tive esta semana na aula. Destaco um trecho do meu diário de pesquisa que talvez possa explicar esta metáfora.

---

<sup>1</sup>“Conversar com tudo”.

Hoje duas alunas vieram me procurar antes do final da aula. Na aula da segunda-feira passada, estas alunas haviam sido orientadas no ambulatório por outro professor. Nós, professores, trabalhamos em um coletivo. Como nosso objetivo é o mesmo, independente de qual atividade estamos orientando ou qual aluno estamos supervisionando no dia, estamos sempre com um olhar conjunto e coletivo para nossa disciplina. É como uma parceria livre de amarras engessadas em orientações dos alunos. Trabalhamos todos em prol da assistência aos idosos e em prol do aprendizado dos nossos alunos. Sempre uns pelos outros de maneira automática e gratuita.

Mas voltando às duas alunas que me procuraram...

Elas chegaram e disseram mais ou menos assim:

– Professor, obrigado pela aula de hoje... foi muito legal ver o senhor e a professora Olivia<sup>2</sup> juntos nos ensinando e complementando a fala um do outro. Deu a impressão que o senhor aprendeu com ela e ela aprendeu com o senhor. Muito legal ver essa sintonia entre dois professores em uma atividade clínica... Parecia que vocês tinham combinado tudo antes da aula... (sorrisos delas e meu)... foi muito proveitoso, leve e divertido pra nós... tínhamos muito medo de realizar este tipo de procedimento clínico...

Enfim, não tinha me dado conta de que havíamos supervisionado em dupla de professores. É isso que sempre acontece e me dei conta só hoje com a fala delas. Nós, professores da Odontogeriatrica, trabalhamos na mesma sintonia!

---

<sup>2</sup>Lembrando que todos os personagens porventura aqui citados são fictícios e foram construídos e inspirados em fatos reais.

Ao ler este diário me dei conta do quanto a sintonia entre os professores é fundamental para o ensino da Odontogeriatrics fora dos limites da universidade. Estamos sintonizados o tempo todo para a resolução de questões burocráticas, dificuldades técnicas, o aprendizado dos nossos alunos, e o mais importante: o cuidado em saúde bucal de idosos institucionalizados. Os alunos percebem este contexto. Eu percebi que, realmente, a congruência com a técnica e a maneira de ensinar dos meus colegas de profissão é um respeito à arte de ensinar. Nesta caminhada não se ensina sozinho, não se aprende sozinho e não se é professor sozinho.

Ao reler o referido diário percebi que estive naquele momento sintonizado com minha colega. Percebi, também, que, inconscientemente, eu havia aprendido com minha colega de profissão. Os alunos perceberam o meu aprendizado quando eu conversava e observava minha colega supervisionando, orientando e ensinando os nossos alunos. Foi uma sintonia entre ensinar e aprender. E esta sintonia deve ser natural dentro de uma disciplina compartilhada com mais de um professor. Acredito que esta sintonia seja como um buscar manual daquela frequência de rádio. Uma busca de uma onda de radiofrequências de professores, alunos e pacientes (idosos) que, por sua vez, irão sintonizar uma rádio saudável com músicas e informações que nos ajudem a enfrentar positivamente o dia a dia de ser um professor.

Neste aspecto, é preciso sintonizar a farinha, o fermento, a mesa para sovar a massa, os cozinheiros e os alunos para juntos encontrarmos Miles Davis em uma rádio!

## Dias turbulentos

A turbulência é algo que nos causa sentimentos estranhos. Por mais que os profissionais da aviação nos provem que o avião não vai cair durante uma turbulência, sempre nos sentimos mais próximos de uma possível tragédia quando vivenciamos uma famosa turbulência severa. Por isso é que sempre utilizamos a palavra turbulência como uma metáfora para um conjunto de acontecimentos perigosos, concomitantes e complexos que necessitam de cuidado e cautela. Nós, seres humanos, aprendemos com as turbulências da vida, dentro e fora de aeronaves.

“Hoje tivemos um dia turbulento no asilo”, foi assim que me deparei com um dos meus diários de campo sempre escrito ao final do dia de aula de Odontogeriatrics. Realmente, quando reli o material me lembrei que aquele dia havia sido turbulento. Vivenciamos situações complexas naquele dia. Uma destas situações foi uma “quase agressão física”.



Hoje tivemos um dia turbulento no asilo. Um professor quase foi agredido por um idoso. Uma correria com uma plateia de alunos e de idosos assistindo. O personagem principal foi um idoso recém-chegado ao asilo. Não conhecíamos a história médica nem mesmo o motivo de relativamente jovem (em relação às outras faixas etárias) encontrar-se institucionalizado ali. Apenas sabíamos que era instável emocionalmente.

Acredito que o ponto de gatilho para palavras agressivas para um professor tenha sido o fato de que ninguém havia marcado uma consulta para ele no dia que ele queria. A marcação não aconteceu de imediato porque a agenda do ambulatório já estava com muita demanda na semana seguinte. Não era um caso de urgência odontológica ou mesmo de emergência por isso seguimos o protocolo de agendarmos segundo as disponibilidades.

Ele disse algumas palavras em voz alta nos agredindo verbalmente e se aproximando com veemência, dizendo que o tipo de tratamento que ele estava recebendo era ineficaz e que era um engodo... No momento da turbulência tentei proteger os alunos para que a agressão verbal não atingisse os mesmos. Imediatamente outro professor chamou a equipe de profissionais do asilo que acolheu o idoso e resolveu o problema da melhor maneira possível... conversando calmamente e o conduzindo para tomar um chá... A equipe de enfermagem e assistência social do referido asilo sabe cuidar muito bem dos seus idosos.

Depois, com a situação mais calma – quando todos voltaram a ficar mais tranquilos na aeronave e alguns até desafivelaram os

cintos de segurança – descobrimos que este idoso estava em tratamento medicamentoso para uma depressão profunda e que, em alguns momentos, quando se sentia “excluído”, tinha rompantes de agressividade verbal...

Precisamos entender o sofrimento psíquico e acolher, como a equipe do asilo fez... Aprendi mais uma vez... ensinando Odontogeriatría...

Nessas situações, precisamos ter muita cautela, pois o julgamento que fazemos dos seres humanos envolvidos muitas vezes nos impede de resolvermos a situação complexa da melhor maneira possível. O importante é não julgar, respeitar e entender o tratamento de saúde em que o idoso está passando e seguir com o voo.

Mas o que seria resolver da melhor maneira possível?

Em uma turbulência, como o piloto e a tripulação resolvem da melhor maneira possível?

Acredito que a chave para esta resposta está na otimização dos recursos que temos no momento de uma situação complexa. No nosso caso, onde nos encontrávamos com alunos, idosos, e alguns profissionais da saúde, conseguimos, por meio de uma cooperação e trabalho em equipe, agruparmos todos os recursos que tínhamos para resolver a situação. Mantivemos a calma, ouvimos o idoso, chamamos a equipe médica, afastamos os alunos do local onde estava acontecendo o diálogo entre professores e o idoso, providenciamos um chá, nos informamos sobre a doença no prontuário médico e resolvemos o problema.

Depois com calma olhei para todas as ferramentas (que também chamo de recursos) disponíveis no momento e vi como foi complexa

a articulação de diversas situações para controlar uma aeronave em uma turbulência severa. Foi necessária rapidez de pensamento, agilidade motora, articulação com outros profissionais da equipe, cooperação dos alunos, muita calma e um chá para concluir.

Tudo se resolveu e nosso aprendizado se enriqueceu. Senhores professores, apertem os cintos, pois o voo desta profissão muitas vezes passa por turbulências severas.

## Bolhas nos pés

Ser professor é um “aprender eterno” antes mesmo de um “ensinar eternamente”. Constantemente, estamos aprendendo. Ou melhor dizendo, eu, constantemente, estou aprendendo. Gosto disso, meu cérebro gosta de constantemente ser preenchido com aprendizado. Quem parte do pressuposto de que ser professor é saber tudo não sabe nem o que significa pressuposto.

Na minha autopercepção do professorado, eu busco aprender, construir conhecimento e evoluir com o ato de trabalhar conjuntamente aquilo que eu sei com aquilo que o aluno busca saber (ou não). Este jogo de construções conjuntas vem de um processo coordenado do meu momento de aprendizado com o momento de aprendizado do aluno. É preciso uma sintonia de interesses e vontades.

Muitas vezes, essas construções conjuntas são norteadas por meio dos currículos estruturados. Não vejo como errado montarmos uma retórica de construção do conhecimento para o aluno. Desse modo, os momentos criativos e educacionais se confluem com o momento (ou ano de estudo do curso por exemplo) em que o aluno

se encontra. Isso, no meu ponto de vista, é evoluir lentamente guiado por uma construção social que vem funcionando. Não? Enfim, ainda acredito que funciona.

Há um tempo atrás, quando eu era estudante de Odontologia (e tinha uma vontade, pequena e escondida, lá no fundo, em ser professor), eu vivia pensando: será que quando eu me tornar um professor não precisarei mais estudar? Naquela época eu reclamava das leituras imensas, das noites e finais de semana estudando, das discussões em sala de aula com colegas e professores, das notas baixas que eu recebia, das monitorias que não conseguia e assim por diante. Enfim, eu era um reclamador. Mas cumpri a trajetória estruturada em um caminho “curricularmente” preestabelecido e hoje estou aqui.

Engraçado, hoje me pego reclamando e ouvindo meu *alter ego* dizendo: “volta para os livros, tu precisa voltar a passar horas com uma caneca de café na tua mesa debruçado em livros dos teus teóricos favoritos”. Eu gosto do meu *outro eu* e me relaciono muito bem com ele. Depois dessa específica conversa com *ele* estou relendo *Mal-entendido em Moscou* de Simone de Beauvoir. Preciso entender um pouco mais a velhice sem ainda ser velho.

A experiência que tive esta semana no asilo foi interessante, ao menos para mim. Havia um caso de uma extração dentária que uma dupla de alunos deveria realizar em uma idosa cadeirante e com um grau leve de demência.

É difícil olhar o ser humano envelhecido, dependente e sofrendo com uma condição que só nós cirurgiões-dentistas podemos melhorar. É estranho olhar para o lado e ver que só eu (cirurgião-dentista) posso extrair um dente. É interessante, pois ninguém no mundo a não

ser um cirurgião-dentista consegue extrair (dentro da técnica adequada) um dente e resolver um problema dentário.

Retomando (às vezes meu *alter ego* divaga demais).

Naquela situação de uma nova e estressante extração dentária para o aluno, a minha postura foi dar o suporte necessário para o aprendiz. Sob minha supervisão, uma dupla de alunos realizaria o procedimento e cuidaria da situação de saúde da idosa em questão. Durante o procedimento, os alunos reclamavam de tudo. Da posição que eles estavam, do acesso, da iluminação, da não cooperação da idosa, do calor, do peso da idosa para ajudá-la a sentar na cadeira odontológica, do tanto de medicamentos que ela fazia uso, e obviamente do tanto de artigos que eles tinham que ler para a prova. Observei tudo aquilo e fiz meu trabalho. Não julguei, não falei alto, não os condenei, apenas fiz meu trabalho de educador e orientador. Minha postura e atitude ficou de exemplo. Não abri minha boca, apenas orientava como poderia ser a melhor maneira de manejo daquele caso.

Ao final daquela aula, voltando para casa depois de um dia bem cansativo (parado no trânsito caótico em um calor de 36 °C), meus pensamentos foram longe no tempo e na geografia. Voltei para 2003 quando eu havia conseguido um recurso para apresentar um trabalho fora do país quando eu ainda estava iniciando meu mestrado. Em um determinado dia, depois do congresso, fui passear pela cidade com minhas botas *Timberland* e uma mochila nas costas. Fazia um dia ensolarado e muito frio e eu resolvi andar pela cidade. Andei sem rumo e sem saber onde seria o final da jornada. Andei, andei, andei e quando avistei, ao final do dia uma praia, resolvi andar na areia rígida e caminhar à beira-mar. Nesse momento tudo doía: costas, pernas, pescoço,

estômago (fome), pés e canelas. E eu reclamava quase que em voz alta. Mas ninguém tinha culpa. A culpa era toda do dono da burrice de andar tanto com botas novas. Reclamando, me sentei na areia e tirei minhas botas. As bolhas haviam estourado e a pele havia grudado na meia e obviamente sangravam um pouco. Reclamando da situação, eu me irritei e pensava em como eu voltaria para o hotel.

Continuando a reclamar eu não calcei as botas. Apenas me limpei da areia e comecei a ir em direção à avenida que estava há uns 80 metros de praia e de um gramado plano de mais uns 50 metros. Enquanto caminhava pelo gramado de cabeça baixa, com muita dor e com bolhas sangrando, uma bola de futebol veio em minha direção. Era umas 5 e meia da tarde, o sol estava se pondo, a praia estava deserta e uma bola de futebol veio parar no pé de um jovem brasileiro. A vontade de chutá-la foi imediata, mas não chutei devido às bolhas nos pés.

Foi quando olhei para o lado e vi um rapaz sozinho, que gritou para eu chutar a bola para ele. Eu pensei: “como se não bastasse as bolhas agora tenho que chutar uma bola”. Reclamando comigo mesmo em português, sem olhar para os lados eu chutei a bola mais ou menos na direção dele. Foi quando ele, com suas duas muletas e apenas uma perna, se aproximou e gentilmente me agradeceu em inglês me convidando para jogar bola com ele. Ele estava sozinho acompanhado apenas de um carrinho de bebê no gramado. Ele disse que gostava muito de chutar bola e trazer seu filho junto para sentir o pôr do sol e a brisa do mar.

Naquele momento senti algo que nunca havia sentido antes. Não sei o que eu “fui” naquele momento. Eu me vi sem reação, uma

mistura de vergonha de mim mesmo com tristeza de mim mesmo. Estranho como a vida mostra exemplos nos momentos certos para o aprendizado certo. Fiquei tão constrangido comigo mesmo que recusei o convite dizendo que estava atrasado e fui andando em direção à avenida. Obviamente, não desperdicei a oportunidade de sanar minha curiosidade de vê-lo jogar bola sozinho, sem uma perna. Chegando na avenida, me sentei em um banco e comecei a observá-lo. Para minha surpresa ele chutava com o único pé que tinha se apoiando nas duas muletas e fazendo um pêndulo com o próprio corpo. Era como um pêndulo em movimento. Caía, levantava, pulava e corria com o apoio de suas muletas sempre sorrindo. Algumas vezes se aproximava do carrinho do bebê e conversava com o filho. Naquele momento eu consegui esquecer minhas “bolhas” e, agradecendo a vida pelo aprendizado do dia, voltei sorrindo para o hotel.

Sim, andei descalço com as botas históricas na mão até encontrar um táxi.

Será que eu deveria ter contado esta estória para meus alunos no momento em que eles se concentravam em reclamar e extrair um dente em um contexto complexo? Que professor eu fui em me calar e apenas agir corretamente naquele contexto? Será que não era preciso eu elaborar um julgamento e repreender os alunos? Será que eles aprenderam naquele momento? Será que a vida se encarregará disso? Será que algum dia, também, terão bolhas nos pés? Não tenho essas respostas, mas o que sei é que irão envelhecer e se lembrar das aulas da minha disciplina.

Enfim, hoje o dia foi repleto de reclamações, memórias e aprendizados. Amanhã quando eu acordar o que será que terei? Resposta: mais perguntas.





## O medo

É estranho escrever sobre medo. Mais estranho ainda é escrever com medo. Estranho é esta autoetnografia de um professor universitário, versando sobre o ensino na saúde, perpassar pelo tema medo. O medo existe. Mesmo o mais otimista dos seres humanos em algum momento da vida sente medo, ou vai sentir medo. Medo da própria vida, medo dos próprios desejos, medo de não sentir medo, medo das ironias da vida, medo da morte, e o medo da velhice.

Neste momento escrevo com medo. Estou com medo. Meu medo é estranho. Além de medo da velhice, hoje assumo que tenho medo da violência. Vivo em uma cidade violenta. Trabalho em uma cidade violenta. Mas o que é sentir medo? Um professor universitário sente medo da profissão? Do ambiente, muitas vezes intimidador, de uma sala de aula? De enfrentar uma plateia? Medo de errar um diagnóstico? Medo de não saber o que fazer para sanar a dor de dente e dar conforto a um paciente idoso na finitude? Enfim, a vida é repleta de medos. Quem não os têm não está vivo.

Porém, existe o lado bom do medo. A capacidade desafiadora de enfrentá-lo. Eu enfrento o que eu acredito que são medos reais.

Por exemplo: um medo real que tenho é o medo de assaltos no trânsito. É estranho, mas no Brasil qualquer pessoa coerente com sua existência em uma cidade violenta e insegura tem medo de ser assaltado no trânsito. Eu enfrento este medo quando saio de casa dirigindo pelas ruas da cidade que me acolheu.

Hoje fui assaltado no trânsito voltando do meu trabalho.

Estive, durante toda a tarde de hoje, no asilo junto aos meus alunos, aos meus colegas de trabalho e aos idosos. Acredito que fiz um bom trabalho durante essa tarde. Os alunos aprenderam e vivenciaram mais um dia de aventura na complexa rede de cuidados que devemos ter com a saúde bucal de um idoso. Sinto que fiz parte do processo de aprendizado dos alunos na tarde de hoje.

Havia trabalhado muito no dia em que escrevi o diário de pesquisa que continha o fragmento supracitado. Sentia-me bem cansado ao final daquela tarde! Fui honesto, leal e entusiasta dos meus ensinamentos. Com esses pressupostos, fiquei envolvido em uma falsa sensação de que ser possuidor de tal perfil me colocaria em uma situação em que, ao entrar em meu carro e voltar para minha casa, para um merecido descanso, estaria protegido das desgraças de uma cidade violeta e dominada pela insegurança.

Pegava-me com aquele pensamento que talvez possa ser medíocre para muitos seres humanos (não para mim): “que coisa boa, fiz um bom trabalho e agora vou tranquilamente para minha casa abraçar minha esposa, comer alguma coisa e descansar para amanhã retornar ao ensino na saúde”. Querer voltar tranquilamente para casa depois de um dia de trabalho pode ser uma rotina provinciana, mas que, com certeza, todo

homem honesto e trabalhador gosta ao final de um dia de trabalho. *Pa-rem de falar mal da rotina* como elucida Elisa Lucinda!

Naquele dia eu me sentia feliz e realizado por mais um dia de ensino, quando o medo se manifestou em mim. Começou no meu cérebro e depois foi escorrendo até o dedão do pé. Ele, o medo, existe, mas fica escondido. Ou nosso *alter ego* finge que não temos medo para não nos bloquear em várias situações perigosas na vida. Enfim, naquele final de tarde, ao voltar para casa, ele se manifestou em mim e com ele vieram todas as reações fisiológicas que um organismo produz dominado por ele. Suor, taquicardia... eu quase podia sentir o cheiro da adrenalina saindo pelos poros da minha pele quando circulava em todos os capilares sanguíneos do meu 1,71 cm de altura e 83 quilos. Gosto de dizer que tenho um centímetro a mais que 1,70. Gosto de um centímetro a mais de medo no corpo, pois sei que, com a velhice, este um centímetro vai embora. O medo também, talvez.

Tranquilamente parado, esperando o sinal verde autorizar minha ida, veio uma pancada muito forte no vidro da minha porta. Um revólver batendo com muita violência e um rapaz de, no máximo 19 anos, gritava e pedia meu celular que estava no banco do passageiro. Foi impressionante como ele manifestou sua raiva ao bater com força no vidro, como se eu tivesse culpa pelo fato de ele não ter um celular naquele momento para se conectar com suas redes sociais, ou talvez ligar para um parente que ele não falava há muito tempo. Ou até ele queria meu celular para matar a saudade de sua avó que morava no interior do estado.

Não sei, não julguei o motivo do assalto, o que sei é que ele desesperadamente precisava de um celular e eu precisava manter a calma. Mantive minha calma. Fazendo um sinal com a mão, pedi para ele dar a volta e fui, imediatamente, abaixando o vidro para facilitar a minha conquista.

Sim, conquistei minha vida.

Facilitei o assalto e conquistei minha vida. O garoto de, no máximo 19 anos, com uma arma na mão, por incrível que possa parecer, seguiu minha instrução e rapidamente pegou meu celular no banco e verbalizou: “tchê foi mais fácil que assaltar uma velhaca de 90 anos!”. Ele me comparou com uma idosa de 90 anos, como se fosse mais fácil assaltar uma idosa nessa faixa etária. Será? Uma idosa talvez gritaria, andaria com o carro e bateria no carro da frente (o trânsito estava totalmente engessado pelo caos da cidade). Ou talvez ele teria sido esmagado entre dois carros bem na avenida Borges de Medeiros no centro das atenções da cidade. Enfim, ele conseguiu o telefone para ligar para algum parente distante e matar sua saudade e eu consegui salvar minha vida e ser comparado a uma idosa.

Segui meu caminho e, ao chegar em casa, fiquei pensando nos aprendizados que esta vida me mostrou naquele dia. Mas a comparação foi crucial para eu pensar em um ponto: idosas são mais frágeis que homens adultos? Ou idosas passam uma imagem de fragilidade fazendo com que o senso comum pense que elas são mais frágeis que os homens de 40 e poucos anos?

Enfim, algum dia eu ainda discutirei com os alunos em aula o seguinte tema: gênero e fragilidade na terceira idade. Quem é quem nesta vida que dá medo? Ou, quem tem medo nesta vida que é frágil? Ou ainda, não deixem o celular no banco do passageiro no trânsito de Porto Alegre, possivelmente será comparado a uma idosa de 90 anos corajosa por que dirige no trânsito hostil e agressivo da cidade. Pensando bem, isso é envelhecimento ativo...

## Balas de funcho

Funcho: planta medicinal da família das umbelíferas. Sinônimo: anis-doce, erva-doce. Folhas perfumadas e muito divididas crescem nesta planta que produz também sementes perfumadas com gosto de alcaçuz. Usam-se tanto as folhas quanto as sementes para aromatizar remédios, licores, balas e alimentos. (Fonte: <https://www.dicio.com.br/funcho/>)

Em uma segunda-feira durante o mês de agosto, fui acarinhado durante a aula no asilo. Um tipo de carinho que foi essencial para compor um dos meus diários de campo e compor meus memorandos para estruturar as observações que venho fazendo ao longo deste ano de pesquisa autoetnográfica.

O tema deste texto é o carinho.

O carinho pode ser um carinho físico ou um carinho na alma. O carinho a que me refiro neste texto é o carinho na alma. Tive uma sensação de que minha alma foi acariciada pela senhora Cleuza.<sup>1</sup> Esta senhora me proporcionou uma sensação de leveza e lentidão nos meus

---

<sup>1</sup>Lembrando que todos os personagens porventura aqui citados são fictícios e foram construídos e inspirados em fatos reais.

pensamentos. Senhora Cleuza é uma das tantas viúvas moradoras do asilo e sem muitos familiares por perto.

Um dia, no meio do semestre letivo, um aluno me perguntou por que a senhora Cleuza era tão distante do ambulatório da Odontologia e por que ela não aceitava ser atendida e dizia que tudo estava bem. Fiquei pensando nestas situações em relação à senhora Cleuza. Pensei em várias hipóteses como medo, distração, e a famosa autopercepção satisfatória em relação à saúde bucal. Enfim, pensei, conversei com meus colegas de disciplina e com meus alunos. Foi como olhar para um caso clínico e singular chamado senhora Cleuza. Esse caso singular me despertou uma curiosidade que até então eu não tinha.

Em várias tentativas de aproximação com a senhora Cleuza, os alunos tiveram insucesso. Ela sempre dizia que não precisava de dentista, que estava tudo bem e assim era. Como as demandas são muitas no asilo sempre priorizamos os casos mais urgentes pensando na complexidade do cuidado em saúde bucal do idoso. Nessa maneira de seguirmos uma equidade em saúde, optamos por priorizar as urgências. Ou seja, muitos idosos que não se queixam são atendidos mais ao final do semestre letivo.

Comecei a prestar atenção na senhora Cleuza.

A velha curiosidade.

Minha velha curiosidade.

Durante as tardes de segunda-feira, período em que acontecia a nossa aula prática, ela sempre sentava no mesmo banco do pátio, sempre lendo e conversando com algumas pessoas que por ali passavam e sempre olhando a movimentação do ambulatório. Entre uma página e outra, ela dava uma olhada de canto de olho no entra e sai do ambulatório.

Toda segunda-feira era a mesma coisa. Lá estava ela sentadinha sempre na mesma sombra e sempre lendo. Não sabíamos muita coisa sobre a vida dela. Pelo fato de não frequentar o ambulatório da Odontologia nós sabíamos apenas informações sobre as questões clínicas da saúde bucal e medicamentosa. Medicamentos para pressão, osteoporose, *Ginko biloba* para a memória, receitas para trocar os óculos – provavelmente otimizar o hábito saudável da leitura – uma dentadura superior e alguns dentes inferiores. Esta era a informação que tínhamos dela: uma idosa institucionalizada bem assistida, sem sugestão de demência e com a saúde bucal tranquila.

Em um momento de curiosidade e observação da senhora Cleuza resolvi investigar o motivo da não procura pelo serviço odontológico. Era como se nossa atenção em saúde bucal não fosse reconhecida e valorizada pela senhora Cleuza. Os atendimentos são disputados, nossa agenda lotada semanalmente e a senhora Cleuza nunca nos procurava. Ela só observava e lia!

Fiquei incomodado com minha curiosidade. Um dia sentei-me ao lado dela para conversar.

– Oi senhora Cleuza boa-tarde, tudo bem com a senhora?

– Tu és um dos dentistas que traz a gurizada aqui, não é?

– Sim. Sou um dos professores de todos eles.

– É... eu já tinha percebido isso. Sempre eles vêm me perguntar se eu preciso de algum atendimento... e essas coisas... às vezes eu gosto que eles vêm me perguntar alguma coisa... percebo que eles se preocupam comigo...

[1 minuto de silêncio]



– Eu também percebo a senhora.. Vejo a senhora sempre lendo aqui neste banco.

– É?

– É. Hoje fiquei curioso.

– E por que não ficou antes?

– Não sei.

– Vamos, me pergunte o que estou lendo...

– O que a senhora está lendo?

– Não sei.

– Vai começar um novo livro e ainda não sabe?

– Não, eu realmente não sei. Não sei ler, apenas fico folheando as páginas procurando alguma coisa para eu entender... sabe, tem livro que tem muita figura e eu vou longe nas estórias... fico imaginando as coisas... passa o tempo... e lembro do passado...

Depois desse curto diálogo, aquela minha curiosidade se transformou em incômodo. O fato de que ela não sabia ler me fez mal e vivia aquela vontade enorme de entrar em estórias. Porém, como em um rompante de fuga para este meu mal-estar, pensei que eu poderia fazer algo para melhorar aquela situação. Fui até a assistente social do asilo, porém não existia a possibilidade de alfabetização naquela altura da vida no asilo ou na condição em que ela se encontrava, com 95 anos de idade e semidependente. Poderíamos tentar inseri-la em algum processo de alfabetização, mas possivelmente a tentativa não seria efetiva.

Mas como associar este fato e o aprendizado dos meus alunos? Digo, associar um idoso que não sabe ler e alunos de Odontologia?

Pensei na integralidade e na interlocução de saberes para a construção de um profissional da saúde. Foi então que tive uma ideia.

Fui atrás do aluno que era o responsável pelas tentativas de aproximação para o atendimento da senhora Cleuza e fiz uma proposta. Perguntei se ele conseguiria reunir um grupo de alunos que fossem bons contadores de histórias e que gostassem de ler. Perguntei se eles poderiam se reunir durante a aula com a senhora Cleuza e deixá-la contar histórias do livro que ela estivesse segurando nas mãos naquele momento. Era para o grupo fazer uma brincadeira de ouvir as histórias dela e contar histórias sempre com livros nas mãos. O livro seria apenas um símbolo de comunicação entre o grupo formado por ela e mais três alunos. Acreditei que a presença de um livro seria o elo entre duas gerações por meio da comunicação e “contação de história” para cuidarmos da qualidade de vida de uma idosa institucionalizada.

A abordagem inicial foi um pouco difícil, mas em pouco tempo, sem minha participação, parece que tudo foi conspirando a favor. Ela, na sabedoria que só uma idosa de mais de 9 décadas de vida tem, entrou na brincadeira e foi contando histórias dentro da sua história de vida. Semanalmente os alunos se sentavam ao lado dela, no banco e no chão na grama verde do pátio, com qualquer livro na mão e passavam quase uma hora conversando. Ou melhor, contando histórias que não estavam nos livros. Com o tempo, as duas gerações foram conversando sobre tristezas, alegrias, mágoas, arrependimentos, história do Brasil, fatos tristes que acontecem com a velhice, além de conversas sobre dores de dente, dentaduras novas para agradar o marido, curiosidades sobre cuidados com a saúde bucal no passado, etc.

E eu, observava tudo da janela do ambulatório ao longo das semanas. Um dia, durante este exercício pedagógico dos alunos, ela apontou para mim e os alunos que estavam com ela se voltaram para onde eu estava naquele momento e abriram um sorriso. Eu acenei com a mão e sorri. O tempo foi passando e nunca perguntei para os alunos qual era a estória contada naquele momento em que eu, provavelmente, era a personagem ou o assunto apontado naquela hora.

Que estória seria aquela daquele momento? Não sei. O que sei é que aquele dedo de uma mão de mais de 9 décadas de uma senhora, que antes não conversava com ninguém e que passou a se aproximar dos meus alunos sorrindo, apontando de longe para mim, fez parte da minha história. Essa parte da minha história me fez um carinho na alma.

A senhora Cleuza faleceu no inverno daquele ano. Caso estivesse viva, soubesse ler e estivesse lendo esse texto naquele banco no pátio do asilo como sempre fazia, ela se perguntaria bem sorridente:

– Será que o professor gostou da lata de bala de funcho que eu dei para ele junto com a aquele abraço apertado de gratidão?... não sei... pelo menos ele não esqueceu...

## Maitê Proença e a curiosidade enigmática

Essa Maitê Proença é danada. É um elixir de coisas boas. É talentosa, simpática, acolhedora com seus leitores, boa atriz e, ainda, rejuvenesce a cada ano que passa. Dizem, até, que foi convidada a fazer parte da Academia Brasileira de Letras. Será? Não sei.

Folhear páginas de revistas em que existam fotos de Maitê Proença faz bem a qualquer homem de mais de 40 anos. É verdade, olhar para a Maitê Proença nos faz bem. Contemplar sua beleza no cenário caótico midiático que vivemos na atualidade já é uma experiência bem bacana.

Agora, caro leitor, imagine assistir a uma peça de teatro ou conversar com Maitê durante alguns minutos em um lançamento de um dos seus livros. Já passei por todas essas experiências, e mesmo não sendo fã, digo que vale a pena. A Maitê é uma personagem fundamental deste texto narrativo sobre formação de um cirurgião-dentista.

Maitê Proença e a formação de cirurgiões-dentistas? Que coisa enigmática.

É. Explico.

Para explicar preciso contar uma estória verídica.

Um certo final de semana eu e minha esposa fomos ao teatro assistir a uma peça que me despertou o interesse pelo nome, pois se chamava: à *beira do abismo me cresceram asas*. Será que seria uma peça sobre liberdade? Sobre suicídio? Sobre oportunidades que aparecem na vida quando a gente pensa em desistir? Ou seria algo sobre seres humanos mutantes que voam com longas asas negras e se jogam em abismos para levar as almas de alunos inocentes que não estudaram para os exames finais?

Sou criativo nos meus pensamentos. E, também, sou curioso.

Sabiam que a curiosidade também faz parte das vendas de ingressos para peças de teatro? É. Construí esta teoria neste momento. Talvez a curiosidade pelo título da peça venda ingressos de teatro da mesma forma que 25 % dos livros são vendidos apenas pelas capas. Talvez 25 % da plateia vá ao teatro para decifrar os enigmas por trás de um nome bem pensado de uma peça. Eu estou nesses 25 %.

Talvez as pessoas paguem caro (no Brasil) para irem ao teatro na esperança de ver Maitê Proença sem roupa no palco. Assumo que me perguntei: será que a Maitê vai ficar nua em uma peça com este nome enigmático? Talvez ela se jogasse nua de um abismo e uma águia californiana pousaria nas costas dela ao final da queda. Sim, prezado leitor, eu pensei nisso. Algumas pessoas, além de curiosas, são um pouco criativas na própria imaginação.

Fui assistir à peça. Fui sem saber absolutamente nada a respeito. Eu me permiti não procurar nenhuma informação. Sim, pura preguiça. Estranho? Preguiça *versus* curiosidade? Enfim, sou curioso para algumas coisas e preguiçoso para muitas outras. É interessante a experiência de ser surpreendido com as coisas boas que a vida nos proporciona.

Nem diretor, nem elenco, nem autor, nada. Não li nada a respeito. A preguiça em buscar no *Google* e a curiosidade pelo nome enigmático da peça me fizeram ir ao teatro.

Naquele dia me surpreendi positivamente.

Maitê era autora do texto e atriz da peça juntamente com a atriz Clarisse Derzié Luz. Duas personagens que interagem no palco e me fizeram pensar no trabalho, na minha profissão, nos meus alunos e no ensino da Odontogeriatrics. A peça me fez pensar, também, na minha própria velhice que um dia vai chegar.

Saio de casa para curtir um final de semana com a esposa e acabo pensando em trabalho e continuo pensando nisso até a aula da segunda-feira. Loucura isso tudo!

Neste dia, após o espetáculo, a danada da Maitê disse ao final da peça que estaria no *hall* de entrada do teatro autografando um de seus últimos livros que eu nem sei qual era. Pensativo (ao longo da peça), curioso e sem preguiça nenhuma (naquele momento) consegui conversar com a produtora da peça no mesmo *hall* de entrada do teatro em que acontecia o evento. Conversei com a tal produtora enquanto Maitê autografava sua obra para uma fila imensa de fãs, incluindo minha esposa que não é fã. Minha esposa não é preguiçosa e é curiosa.

Nestas peças do quebra-cabeça da vida, que se encaixam rápido e sem muito esforço, expliquei para a tal produtora quem eu era e que gostaria muito de saber a possibilidade, na condição de professor universitário, de receber o texto da peça para eu ilustrar minha aula e discutir com os alunos. A produtora, muito gentilmente, me deu o *e-mail* de uma assessora da danada da Maitê Proença, e disse-me mais ou menos assim: “Escreve para a assessora dela, se a Maitê autorizar ela te manda o texto. Mas vai ser difícil!”.

Enquanto minha esposa recebia um autógrafa, eu me contentava em receber o cartão de visita da assessora. Mentira, eu até queria ver Maitê de pertinho. Mas, e a preguiça de enfrentar fila para outro autógrafa no mesmo livro? A danada acharia que eu era um idiota ou coisa do tipo. Eu queria mesmo era o texto da peça para minhas aulas. Simples assim.

Continuando a estória...

Depois do teatro, saímos para jantar.

Não! Não! Fui jantar com minha esposa.

Fomos a um restaurante italiano em uma daquelas ruas arborizadas e muito antigas que só Porto Alegre tem. Ficamos saboreando uma safra de *Pinot Noir*, a comida e a peça. Entre molho de tomate, vinho e muito *parmigiano* passamos horas conversando sobre a experiência daquela noite. Muitos pontos interessantes e reflexivos na peça me fizeram pensar em trabalho de uma maneira muito prazerosa e estimulante. Ser professor, também, é ter prazer e estímulo no que se faz. Não é só tortura como muito se diz por aí.

Durante o jantar vinha a dúvida. Será que a assessora vai responder o meu *e-mail*? Será que ela vai falar mesmo com a Maitê? Será que vou receber o texto da peça (que na época não havia sido publicado)? Como poderei trabalhar este texto nas minhas aulas? Será que meus alunos vão gostar de ler?

Na segunda-feira sentei-me na frente do meu *notebook* e escrevi o *e-mail*. Fui direto ao ponto e disse que seria muito construtivo tentar discutir o texto com meus alunos. Expliquei no *e-mail* que a peça ilustrava situações que são distantes das realidades de jovens de 20 e poucos anos, mas ao mesmo tempo mostrava-se muito pró-

xima da realidade do aprendizado da atenção à saúde dos idosos em instituições asilares. Tal realidade de instituições asilares são situações que meus alunos vivem durante um semestre dos 5 anos do curso de graduação. Finalizei o *e-mail* mais ou menos assim: “contando com a colaboração da Maitê Proença para enriquecer a formação de cirurgiões-dentistas, fico no aguardo”.

A ficção escrita na peça nos emociona. A estória acontece em um asilo e desenvolve-se por conversas entre duas idosas. No bate-papo entre elas, a velhice transita entre os prazeres, angústias e enfrentamentos no passado, no presente e no futuro. Desse modo, as personagens nos fazem rever conceitos sobre o que é envelhecer e o que é ser uma pessoa envelhecida, na atualidade, dentro de uma instituição asilar. Com bom humor a peça traz a realidade que eu gostaria de trabalhar com meus alunos. Parece que a autora da peça estava sintonizada com o aprendizado dos meus alunos. Interessante e enigmático ao mesmo tempo, o fato de uma peça de teatro suscitar questionamentos sobre a velhice na formação de profissionais da saúde.

Exatamente uma semana depois, recebi um *e-mail* muito gentil dizendo que a danada da Maitê Proença havia autorizado o envio do arquivo textual da peça para que eu trabalhasse com os alunos em sala de aula. O texto da peça estava em anexo. Imagino que ela nunca havia passado por uma situação dessa. A situação inusitada de receber uma solicitação informal de um professor universitário da área da saúde solicitando o texto da peça que ela havia escrito e encenado para ser utilizada como instrumento pedagógico. E ainda por cima ser uma ferramenta para ensino da Odontologia.



Fiquei me perguntando: será que ela cedeu o texto gentilmente por acreditar no potencial dialógico dos conteúdos apresentados no texto que ela mesma escreveu? Talvez sim. Como escrevi no início deste texto, na metáfora “elixir de coisas boas”, o elixir pode conter um ingrediente chamado percepção do imenso alcance de uma peça de teatro.

Com o texto em mãos, em uma tarde de segunda-feira, deixei a aula formal de lado e fiz uma roda de conversa com meus alunos lendo trechos da peça. Foi muito interessante. Eles liam os trechos que eles mesmos escolhiam e a leitura dos trechos eram gatilhos para várias discussões. Passamos um tempo lendo, entendendo a peça e conversando. Conversamos sobre vários assuntos, dentre eles: saúde do idoso; contexto de vida na velhice na sociedade atual; solidariedade intergeracional; políticas públicas para a população idosa; e outros assuntos também importantes para a formação de um cirurgião-dentista.

A aula trazia sentido ao aprendizado do tópico saúde do idoso, proporcionando vários momentos de descontração em meio aos relatos de experiências dos alunos com seus avós e outros idosos. Tudo junto permitiu uma agradável e desafiadora tarde de trabalho de um simples professor universitário brasileiro.

Foi interessante observar nesta experiência didática, proporcionada por ninguém mais que Maitê Proença que, muitas vezes, ensinar sobre saúde bucal na velhice sendo um professor que ainda não experienciou o fato de ser idoso foi muito desafiador.

Ser professor neste contexto é desafiar e ser desafiado.

Sei o quão complexo é o cuidado com a saúde bucal na velhice. Sei das técnicas odontológicas necessárias para cura de doenças e

reabilitação protética do paciente idoso. Sei das melhores maneiras de abordagem social para com um idoso institucionalizado. Sei o que significa saúde bucal para muitos idosos. Sei trabalhar pedagogicamente o ensino dessas questões.

Porém...

Não sou idoso. Não sinto como é não ter dentes naturais. Não sinto como é mastigar com uma dentadura. Não sinto como é viver em uma instituição asilar. Apenas tenho minhas percepções construídas científica, emocional e socialmente sobre esses contextos. Não sinto na pele o que é ser idoso. Não sinto o que o idoso sente em relação à condição da saúde bucal. É confuso e ao mesmo tempo estimulante ensinar o “não vivido na pele ainda”.

Talvez o ensinar o ainda não vivido significa aprender junto. É isso! Ensinar questões sobre saúde bucal na velhice é um processo de aprendizagem conjunta. Um caminhar aprendendo. Vamos aprendendo a ensinar juntamente com as técnicas odontológicas, com as experiências relatadas pelos idosos e com os saberes proporcionados por peças de teatro com títulos curiosos!

E tudo isso fica muito mais interessante quando Maitê Proença está no palco.

Fecham-se as cortinas. Ouço aplausos.



## A criatividade imediata

A vida dos seres humanos no planeta Terra está cada vez mais imediatista. Ou talvez os seres humanos estão cada vez mais imediatistas e não a vida. Todos querem resultados rápidos e de baixo custo. É, caro leitor, os seres humanos transformaram a vida em algo parecido.

Porém, minha profissão, na grande maioria das vezes, não segue este padrão de imediatismo nas suas resoluções. Muitas vezes é necessário um tempo e alguma paciência para a conclusão de um tratamento odontológico, ou mesmo o restabelecimento de determinada função dos órgãos da cavidade bucal. Os afazeres na Odontologia, com exceção das urgências e emergências odontológicas, não se resolvem em um passe de mágica e de uma hora para a outra. O cuidado em Odontologia é complexo e necessita de paciência. Tento passar esta perspectiva para meus alunos. A perspectiva de que na Odontologia precisamos dar tempo ao tempo. A Odontologia é uma arte que demanda certa paciência e vai contra o imediatismo. Precisamos ter calma nas nossas ações e nos cuidados que temos com as pessoas que estão sob nossa “corresponsabilidade bucal”.

Mas a Odontologia tem um abstrato engraçado nesta nesga de imediatismo que existe dentro dela: a criatividade imediata. Nós, cirurgiões-dentistas, muitas vezes temos que fazer surgir, não sabemos de onde, uma criatividade imediata para solucionar alguns problemas. Esse aspecto é vivido muitas vezes quando se trabalha ensinando clínica em Odontogeriatrics fora do conforto de uma faculdade de Odontologia onde se consegue qualquer recurso de maneira mais rápida.

No nosso dia a dia no asilo vivemos esta constante criatividade imediata para darmos continuidade em procedimentos, para resolver problemas clínicos emergenciais dentre outras inúmeras situações. Temos que nos adaptar com a efetividade desta criatividade imediata que quase se transforma em uma catarse ambulatorial quando conseguimos resolver os problemas com soluções criativas e eficazes.

Esta semana houve situações que nos exigiram rapidez de raciocínio e criatividade para que pudéssemos seguir com os procedimentos clínicos no ambulatório. Foi uma tarde cheia. Muitos atendimentos, muitos alunos com próteses para moldar, muitos dentes para extrair... enfim... um típico dia no ensino da Odontogeriatrics...

Nossa profissão exige um arsenal de instrumentos para que ela (a Odontologia) aconteça... agulhas... anestésicos... lamparinas... colgaduras para revelação de radiografias... etc. Escrevo especificamente sobre estas duas últimas ferramentas citadas, pois usando nossa criatividade imediata conseguimos substituí-las por uma vela de 7 dias e um palito de picolé!!! Quando um aluno, durante o procedimento de moldagem, disse que havia esquecido sua lamparina (e naquele momento a lamparina do ambulatório

estava com defeito) imediatamente solicitei que nossa monitora fosse pedir uma vela para a senhora Lourdes.<sup>1</sup> Em alguns minutos nossa monitora chegou com uma vela enorme e que funcionou perfeitamente para o aluno plastificar o material de moldagem... foi praticamente uma santa moldagem! Quando uma outra dupla de alunos foi revelar as radiografias que haviam realizado nos disseram que haviam esquecido as colgaduras... na mesma hora disse que era para um deles comprar um picolé no bar do asilo e trazer o palito limpo e desinfetado com álcool 70°... (hoje acabaram nossas espátulas de madeira) – a ação foi tão rápida que nem sei se o aluno tomou o picolé. O que sei é que com um pequeno corte longitudinal na ponta do palito de madeira seco e desinfetado o filme radiográfico consegue ser manipulado normalmente durante a revelação...

Enfim, esta semana no asilo tudo aconteceu de maneira muito inesperada e resolutiva. E nossos alunos aprenderam as necessidades da Odontologia.

Em nosso processo de ensino-aprendizagem, que vivemos diariamente nas nossas vidas de professores universitários, seguimos um caminho de constantes ensinamentos com criatividade. Precisamos ser criativos, sempre respeitando o tempo da Odontologia, a presença da biossegurança e, também, sempre agradecendo às senhoras idosas que são devotas de Nossa Senhora Aparecida, bem como a existência de um bar que vende picolé dentro de uma instituição asilar.

---

<sup>1</sup>Lembrando que todos os personagens aqui citados são fictícios e foram construídos e inspirados em fatos reais.



## A alegria repentina

Hoje tivemos uma surpresa no asilo. Totalmente inesperada. Estávamos ali, focados no estresse diário da vida profissional quando fomos acertados por uma flecha que pausou nosso momento de correria do ambulatório.

Tivemos uma sensação que eu não consigo expressar em palavras escritas no meu diário de pesquisa de campo. Mas preciso registrar esta experiência, pois isso tudo se transformará em dados – da minha autoetnografia – que serão analisados segundo um referencial teórico... Sou suspeito para falar desta surpresa que nos causou uma sensação que despertou uma alegria coletiva durante a aula de hoje de tarde com nossos idosos. Recebemos uma visita muito importante (até mesmo cientificamente comprovada) que gerou um senso comum de alegria e de entusiasmo na aula. O reflexo desta visita entusiasmou todo mundo. Os alunos, os idosos e nós, professores.

Naquela segunda-feira que recebemos a visita ilustre eu fiquei muito reflexivo sobre situações muito importantes nas nossas vidas



e na vida de idosos que se encontram em instituições asilares. Fiquei pensando na importância da companhia para o ser humano, na solidão, na importância do ato de dar carinho, de receber carinho, do bem querer, da coisa lúdica, da coisa mágica.

É isso, foi algo mágico.

Tudo, ao redor das presenças ilustres, se transformou. Os alunos mudaram de vozes (as alunas principalmente), os professores tiraram suas luvas e deram uma pausa no atendimento, os idosos se alegraram e voltaram para os atendimentos renovados. Foi como um pó solto no ar que contaminou todos os seres humanos que respiravam naquele local e naquele momento.

Todos nós ficamos entusiasmados quando aquele ser peludo, de mais ou menos dois palmos de altura, adentrou no ambulatório da odonto, sem ser convidado, com o rabo abanando e cheirando tudo o que podia. Ele sabia que estava fazendo coisa errada e que ali não permitiríamos a presença dele...

Quando o danado havia chamado a atenção de todos nós no ambulatório ele latiu e nos convidou para ver o que estava acontecendo do lado de fora do ambulatório... Foi uma reação unânime e homogênea... idosos, jovens e adultos... todos nós saímos para o pátio do asilo para ver o que estava acontecendo. Uma organização não governamental (ONG), em parceria com alguma faculdade de Veterinária, havia iniciado um projeto de extensão para observar a melhora emocional e fisiológica dos idosos asilados no cuidado com a saúde e recuperação de condições cirúrgicas quando interagiam com cachorros.

Eles (uns 10 cachorros entre vira-latas, labradores, e um *sptiz* alemão muito simpático e intruso) transitavam livremente pelo pátio do asilo interagindo com todos. Foi uma festa. Era possível ver o sorriso em 100 % das pessoas que estavam ali naquele momento de cuidado em saúde. Incrível como 20 minutos de interação canina fez uma energia positiva fluir pelo ambulatório e a aula correu de uma maneira deliciosa.

E qual a conclusão dessa visita inesperada? Não sei explicar. O que posso afirmar é que cachorro faz bem para a saúde bucal, para o aprendizado da Odontogeriatricia, e para a saúde de todos!



## Desabafo

Quando um pesquisador se propõe a compreender os sentidos de determinadas relações que nós, seres humanos, construímos em nossas vidas, uma das maneiras de atingir a compreensão deste processo é o ato de observar os acontecimentos sociais dentro de uma determinada cultura. De certo modo, é o ato de observar e descrever uma cultura que permite muitas vezes a imersão nos sentidos das relações sociais. Observar os acontecimentos rotineiros e descrevê-los de maneira densa é uma alternativa para que um pesquisador possa compreender sua relação com seu ambiente de trabalho e com a vida social neste contexto cultural. Refiro-me ao contexto cultural do local de trabalho.

A descrição de uma cultura nos leva a entender, muitas vezes, que certos atos acontecem rotineiramente. É na rotina que as situações se tornam normais e aceitas socialmente dentro daquela cultura. A rotina no acontecimento do ensino da Odontogeriatrics em uma instituição asilar vai se adequar a cultura deste processo de trabalho. Particularmente, vivo toda segunda-feira dentro de uma cultura que é o ensino

da Odontogeriatrics fora da Faculdade de Odontologia. Vivo em uma cultura de ensino na realidade de uma instituição asilar, e no início do semestre vivencio uma burocracia culturalmente legitimada.

A disciplina de Odontogeriatrics no asilo acontece de certa forma com uma rotina semanal de cuidado a saúde de idosos e uma rotina burocrática de início de semestre. Já entendemos de certo modo o acontecimento semestral burocrático por parte do contrato que rege tal disciplina devido ao fato de acontecer fora dos limites da universidade.

Somos responsáveis pela segurança dos nossos alunos fora da universidade. Para isso, temos uma variedade de termos e documentos para assinarmos. Documentos que seguram o aluno e confirmam juridicamente a parceria da universidade com a instituição que recebe nossos alunos. Todo semestre precisamos de tais documentos para iniciarmos as aulas. Desse modo, todo início de semestre é a mesma coisa. Sempre corremos para que a burocracia seja efetiva em tempo hábil para o início das atividades. São muitos documentos que temos que coordenar e muitas cópias em papel para assinar.

O professor assina.

O aluno assina.

A universidade assina.

A Faculdade de Odontologia assina.

O asilo assina.

É sempre uma rotina quase que lunática de sucessão de assinaturas que precisa ser coordenada e disciplinada. Ensinamos, muitas vezes, os alunos a se organizarem para tais burocracias. Sim, nossos alunos já aprendem no curso de Odontologia que burocracia faz parte da vida de um futuro cirurgião-dentista.

Sou favorável a uma boa burocracia, precisamos dela.

Precisamos de regulamentos, normas públicas, rotinas de serviços, hierarquias e responsabilidades nas inúmeras pactuações e contratualizações de serviços. A burocracia eficiente faz com que exista um sistema de execução das ações públicas para facilitar a vida do exercício da cidadania. Porém, na maioria das vezes, ela nos toma muito tempo. Muitas vezes nos damos conta que estamos em pleno século XXI e ainda carregamos calhamaços de papel com o intuito de buscar assinaturas e carimbos para que um processo de ensino-aprendizagem aconteça de maneira segura. Acredito que em um futuro próximo tudo será *on-line*!

Será que existem formas mais simples de iniciarmos, burocraticamente, uma rotina semestral de uma disciplina que objetiva o aprendizado da Odontogeriatrics e a assistência à saúde bucal de idosos?

Talvez sim, ou não. Será? Não sei.

Ao longo de alguns anos, observando a cultura em que a disciplina de Odontogeriatrics acontece, e descrevendo densamente as rotinas em que eu vivi, percebo que se torna automático e aceito coletivamente o fato que a burocracia é imperativa. A burocracia nas tratativas para início do semestre faz parte do processo todo de ensino. Todos os envolvidos neste processo, desde professores até funcionários e técnicos da universidade, olham para ela como uma realidade engessada e que deve ser vivida. Dito de outra forma, temos que viver a burocracia para que nossos alunos possam transitar livremente no aprendizado da Odontogeriatrics!



## Desinteresse interessante

Hoje acordei com cheiro de café que vinha da cozinha do meu pequeno apartamento. Do quarto podia ouvir minha esposa na cozinha cantando e preparando nosso café da manhã.

Hoje é segunda-feira.

Tivemos um final de semana bem bacana. Finalzinho de semana em Montevideú. Sossego, comida boa, bons vinhos, *dulce de leche*, pessoas gentis e vista para o rio da Prata. Depois de um final de semana desses, por mais estranho que possa parecer, acordei com um sentimento de desinteresse. Estava desinteressado até em sair da cama.

Estava tão bom aquele momento de quase acordar. Era bom saber que o frio do inverno estava do lado de fora da janela e eu, do lado de dentro, estava aquecido e enrolado no cobertor com cheiro de amaciante. Não tinha interesse nenhum em sair daquele local, daquele momento, daquele cobertor e daquela vida momentânea. Era como se eu quisesse que o mundo se explodisse e eu continuasse ali daquele jeito.

Só que o cérebro não consegue ficar quieto. Ele é interessado em pensar. Um poeta uma vez disse em sua música que o tempo



não para e eu ouse dizer que o cérebro utópico lunático também não para. Mesmo naquele momento de desinteresse de tudo ele (o cérebro) pensa. Foi então que deixei ele (o cérebro) pensar sobre um sentimento chamado desinteresse.

Pensei, pensei e pensei. Foi quando percebi o quanto é interessante pensar sobre desinteresse.

Você tem desinteresse do quê?

O que te provoca desinteresse na vida?

Existem pessoas no teu mundo social que te desinteressam?

Pense agora nas coisas cotidianas que te desinteressam.

Essas foram perguntas que meu cérebro fez para mim mesmo. Uma das respostas foi: “café da manhã me interessa”. A partir dessa resposta, foi fácil levantar da cama naquela segunda-feira. Desde então, ao longo do dia, passei o tempo tentando responder as tais perguntas que meu cérebro havia me feito de manhã. Fiquei interessado em buscar respostas para tais questões. Foi bem legal esta experiência de pensar no que me desinteressa, pois o interessante já me faz correr atrás da vida. O desinteresse faz com que eu utilize minha criatividade para continuar enfrentando o lado chato da vida. O lado do desinteresse, que às vezes tenho que enfrentar para sair da cama.

A aula de hoje foi desinteressante. Nada de diferente, nada de novidade, nada que fosse um acontecimento curioso. Nada, nada, nada. Tudo ocorreu perfeitamente. Não houve falta, não houve aluno com dificuldade para realizar um procedimento, não houve nenhum idoso com a glicemia descompensada, não houve alteração de pressão arterial, não houve nenhuma prótese que necessitasse de ajustes, não houve temperatura muito baixa, não houve atraso na

realização de procedimentos, não houve reclamações de alunos, não houve absenteísmo e não houve problemas técnicos com os aparatos odontológicos. Como vocês podem perceber foi um turno de trabalho que não houve nada interessante para registrar no meu diário de campo da minha etnografia. Hoje observei tudo e, na minha perspectiva, nada me interessou.

Por outro lado, é interessante observar que a perfeição das coisas me provoca desinteresse. Interesse pelo desinteresse. Em muitos momentos da vida eu rezo ao nosso criador para que tudo aconteça perfeitamente e agora percebo que a perfeição é desinteressante. Será que é por isso que as revistas científicas focam tanto nos famosos “conflitos de interesses”? É interessante, pois isso significa que dois interesses entram em um ringue e conflitam. Um interesse só não entra em conflito sozinho. Precisamos de no mínimo 2 interesses para termos um conflito interessante.

Não é verdade?

De agora em diante vou admirar o desinteresse! Talvez nele exista uma narrativa que me faça pensar em café, cérebro, perfeição e conflitos. Enfim, pensar em coisas da vida.



## Rede de aconchego

Caro leitor, você já se sentiu sozinho em algum momento na sua vida?

Eu já.

Talvez muitas pessoas nunca se sentiram ou nunca se sentirão assim. Talvez muitas pessoas nunca sentirão aquela sensação de estar desprotegido e desassistido emocionalmente como se um vazio adentrasse todos os seus poros. Pode ser que algumas pessoas vivam a vida inteira sem se sentirem sozinhas. Ouso dizer que são pessoas sortudas. Em outra direção, existem muitas pessoas que vivem lutando arduamente contra um sentimento que é normal em algum momento passageiro da vida. Eu me refiro a uma sensação ou sentimento chamado solidão. Podemos reagir de inúmeras maneiras a esta sensação. Podemos vivê-la e pensar em como sair dela, ou podemos nos entregar a ela e ser absorvido por algo metaforicamente sem saída.

E no caso de decidirmos reagir, porém nosso corpo está cansado?

E se decidirmos reagir à solidão e nossa situação social nos dificulta um pouco?

E se eu decidir reagir, mas minha companheira de mais de 5 décadas me deixou viúvo?

E se decidirmos reagir, mas nossos filhos e netos nos esqueceram em algum lugar perdido nos pampas da vida?

E se decidirmos enfrentar a solidão e o dia está chuvoso, cinzento e frio?

E se a música, que me aconchegava e me aproximava de várias pessoas, eu não ouço mais como antes?

E se eu decido reagir à solidão, mas as pessoas me olham como se eu não estivesse ali?

Muitas pessoas que conheci no meu caminhar profissional decidiram reagir à sensação de estarem sozinhas. Não é fácil essa reação. Na minha percepção, é o normal do ser humano reagir. Temos que tentar reagir positivamente à solidão.

E como deve ser o ato de reagir à solidão quando estivermos velhos? E a solidão em uma instituição asilar, por mais dinâmica e movimentada que ela seja? Será que é fácil? Buscar caminhos para retomar o aconchego emocional? Viver com a companhia social de outras pessoas, famílias, vizinhos é fácil nessas condições de vida?

Acredito que não deva ser fácil, pois além de reacionais somos seres emocionais. A solidão traz inúmeras emoções negativas e diante disso muitas vezes não é fácil reagir. É preciso uma rede de aconchego para os idosos não se sentirem desassistidos e desamparados. É necessária a criação de uma rede de aconchego para o enfrentamento dessa situação.

Hoje tive que voltar ao asilo após o término da aula... eu havia esquecido a chave de casa... na gaveta da mesa lá do ambulatório... percebi quando estava quase chegando em casa. Já estava escuro,

frio e chovendo quando entrei no asilo. Nunca havia ido ao asilo no início da noite. É estranho estar naquele local fora do momento rotineiro.

Tudo cinza, a noite já dando sinais de sua chegada e um silêncio estarrecedor no pátio. Havia apenas o som abafado e distante dos idosos conversando no refeitório. Estavam todos reunidos jantando. Era aquele som abafado de talheres, risos, conversas e televisão ligada! Fui andando tranquilamente pelos corredores do asilo em direção ao nosso ambulatório quando me deparei com o senhor Armando<sup>1</sup> sentado sozinho em um banco bem abaixo da janela do nosso ambulatório. Ele estava com um cobertor nas costas, meias de lã, chinelo e uma boina. A única companhia dele era uma xícara de chá.

Aproximei-me e nossa conversa foi mais ou menos assim:

– Senhor Armando, por que o senhor está aqui neste frio?

– Estou tomando meu chá, e curtindo um pouco minha solidão. Minha esposa me deixou há exatos 5 anos e ainda sinto muito a falta dela. Fomos casados por 50 anos! Tenho 4 filhos, mas não sei quando eles vêm me visitar. Eles não vêm muito. A vida deles é muito corrida... A caçula me trouxe este cobertor da última vez que estive aqui acho que no mês passado.

– Nem sei o que lhe dizer...

– Eu te digo, segunda-feira é muito bom aqui no asilo. Tu trazes a gurizada dentista e eles alegram aqui. Eu gosto quando eles estão aqui. Sempre me perguntam se está tudo bem com minha

---

<sup>1</sup>Lembrando que todos os personagens porventura aqui citados são fictícios e foram construídos e inspirados em fatos reais.

dentadura e se eu limpo ela direitinho. Por isso que estou aqui neste banco embaixo da janela, penso na minha finada esposa e também penso na alegria que foi a tarde de hoje... vocês voltam na próxima segunda né?

– Sim, com certeza! Mas o senhor não quer ir lá com o pessoal no refeitório? Está mais quente que aqui! E aqui está um pouco escuro! Vamos lá, eu levo o senhor! Deixa a solidão pra lá!

– É... vou deixar a solidão aqui embaixo desta janela. Vou ficar com os outros. Na próxima segunda eu passo aqui para pegá-la de volta e me lembrar mais um pouco da minha vida de antes!

Foi uma conversa rápida que me incomodou no bom sentido do incômodo. Pensar no enfrentamento da solidão na condição que o senhor Armando se encontrava não era fácil. Mas na serenidade da conversa pensei: será que a velhice também traz consigo uma capacidade de manejo da solidão que não seja escura, fria e úmida como o início da noite de hoje no asilo?

O asilo que recebe nossos alunos e proporciona o acontecimento da nossa disciplina tem esta rede de aconchego. Mesmo dentro de um imenso carinho e trabalho cuidadoso realizado por todos os profissionais do asilo alguns idosos sentem o fardo da solidão. Poucos, como o idoso presente no fragmento do diário apresentado, se sentem solitários. Percebo que os idosos se sentem felizes, acolhidos e cuidados de uma maneira que a solidão consegue ser afastada. Neste imenso trabalho, nós (alunos e professores) temos no aprendizado e no cuidado com a saúde bucal o elo que interliga dois lados de um vácuo. Nossa “presença odontológica” ali no asilo

toda segunda-feira de tarde liga o idoso institucionalizado ao convívio social e intergeracional.

Somos parte desta rede de aconchego que o asilo construiu arduamente. Parece que no final deste texto ouço: “Bah hoje é segunda-feira... tinha esquecido... hoje vem toda aquela gurizada dentista trabalhar na boca da gente! E deixo minha solidão momentânea ficar debaixo daquela janela do ambulatório da Odontologia”.





## Linha tênue

Um dia, há muito tempo atrás, chegou em minhas mãos o livro *O ócio criativo* de Domenico De Masi. Eu me interessei pelo título e pela proposta do autor sobre trabalho e comecei a ler. Foi uma leitura bem interessante. Num determinado momento do livro, na minha compreensão, o autor mostra que parte da felicidade de uma pessoa está no fato de que ela deve trabalhar com certa diversão ou divertir-se trabalhando. Mais ou menos isso. Ou seja, é como se o segredo estivesse em uma linha tênue que separasse o trabalho da diversão. Por se tratar de uma linha tênue dividindo estas duas situações, muitas vezes elas poderiam acontecer juntas ou até mesmo se confundir.

Eu escrevi, no início deste texto, sobre a leitura do livro deste sociólogo, pois carreguei esta percepção de trabalho-diversão comigo durante muito tempo. Tento buscar essa alquimia na minha caminhada profissional. Sempre pensava comigo mesmo se existe alguém que consideraria na vida que trabalhar traz diversão. Eu me refiro àquela diversão social leve e despretensiosa, que não necessariamente contém gargalhadas e também àquela diversão ego-centrada. Am-

bas vão refletir sensações de satisfação, realização do outro com teu trabalho, de alegria coletiva, de realização pessoal com a escolha da ocupação profissional. Tudo se reflete em felicidade.

A dúvida, destas possibilidades, existia nos meus pensamentos até o dia que transpassei a linha tênue que separa meu trabalho como professor e a diversão. Em várias situações nas quais eu já vivi em determinados momentos do meu trabalho esta linha se rompia e eu não sabia se estava trabalhando ou me divertindo coletivamente. Pode até soar estranho o fato de um professor universitário dizer isso, mas muitas vezes me divirto com minha caminhada profissional. A diversão existe no gostar do que se faz, no querer bem a pessoa que é dependente do teu trabalho e no fazer com que as pessoas em volta se sintam bem com teus atos.

A diversão no trabalho contagia e gera bom humor. Como reflexo disso o ambiente profissional se torna mais leve. O bom humor, muitas vezes, é necessário no desempenho do ofício do professorado da Odontogeriatrics. Muitas vezes o bom humor nos eleva a um estado de graça que nos permite ser criativos. Além disso, o bom humor cria vácuos para aerar nossos pensamentos. Esses vácuos nos permitem construir um raciocínio lógico e de liderança, nos fazendo adentrar na subjetividade do ensino da saúde bucal, e nos permitindo interagir de maneira leve com os idosos. Vivi estes aspectos de alegria em muitos momentos no asilo com meus alunos no ensinamento da Odontogeriatrics. Um registro desses momentos apresento no fragmento de um dos diários de campo da minha pesquisa autoetnográfica.

Nunca ri tanto durante uma tarde de aula no asilo... eu ri... os alunos riram... os idosos riram... e a tarde passou em minutos de ensino com diversão... Estávamos todos na rotina do andamento do ambulatório e das visitas na enfermaria quando uma sucessão de acontecimentos nos provocou risos e muita descontração...

Então vamos à sucessão de acontecimentos:

14h50 – uma idosa toda arrumada, perfumada e cheia de bijuterias abordou um de nossos alunos e se apresentou como dona Isaura.<sup>1</sup> Eu nunca a tinha visto antes. Existe um certo ciclo de moradores no asilo, talvez ela fosse recém-chegada. Muito articulada e simpática ela disse que gostaria de ser atendida e que precisava de uma nova “dentadura debaixo”. O aluno, bem atencioso, disse que precisava ver se havia espaço na agenda para que ela fosse atendida. Havia um horário vago e ela foi atendida. O aluno não havia encontrado o prontuário médico dela. Como ela disse que era nova no asilo eu disse que provavelmente ela ainda não tinha o prontuário médico e que ele deveria fazer toda a anamnese odontológica e medicamentosa inicial para então aferir pressão e glicemia e iniciar um exame clínico e planejamento das possíveis novas dentaduras, depois então ele faria um prontuário odontológico dela. Nosso aluno fez uma limpeza e raspagem supragengival nos dentes superiores, ajustou um grampo da removível que estava desajustado e marcou outra visita para que ele iniciasse o planejamento para a nova dentadura inferior.

---

<sup>1</sup>Lembrando que todos os personagens porventura aqui criados são fictícios e foram construídos e inspirados em fatos reais.

Até aí tudo bem.

Quando iniciou o preenchimento de um prontuário odontológico para ela... o aluno me chamou... fui até lá e ele... ele me disse que quando perguntou qual o número do dormitório dela ela respondeu... rua tal, número tal, apartamento tal centro Porto Alegre próximo do Tudo Fácil!!!! Eu disse para o aluno ir conversar com a assistente social do asilo para saber informações sobre a dona Isaura. O aluno voltou dizendo que não existia nenhuma moradora com este nome no asilo... Foi quando, ao conversarmos com ela, descobrimos que ela realmente não era uma idosa moradora do asilo. Ela ficou sabendo que no asilo a UFRGS oferecia dentadura para idosos... (risos meus agora)... ela simplesmente pensou que, por ser idosa, ela poderia ser atendida no asilo... (risos)... ela entrou no asilo para uma visita e conseguiu um atendimento odontológico... enfim, explicamos a situação e ela foi encaminhada para a clínica da Faculdade... (mais risos)... (meus)...

15h29 – todos os idosos do asilo são cadastrados no nosso ambulatório. Temos conhecimento de todos os idosos e de quais alunos atendem. Tudo é bem coordenado e organizado. Cada idoso tem seu prontuário, etc. e os idosos são distribuídos no início do semestre para os grupos dos alunos e tudo acontece tranquilamente. Nesta tarde escutei dois alunos discutindo nos corredores do asilo. Percebi que um acusava o outro (e vice-versa) de “roubar” um idoso dele. Um dizia que estava atendendo o idoso desde o início do semestre e que hoje ele “pegou” o idoso e continuou atendendo.

Isso nunca havia acontecido na nossa disciplina.

Foi então que, juntamente com nossa monitora, fomos ver o prontuário e percebemos que havia um “clone” de idosos. Vimos que havia dois prontuários com o mesmo nome com diferentes alunos atendendo e fazendo procedimentos diferentes (risos meus). Fomos investigar... Fomos conversar com o idoso “clonado”. O clone havia dito que, como era muito demorado o atendimento e dois alunos foram procurá-lo (não sei como), ele decidiu que teria dois dentistas! (mais risos). Não sei como isso foi acontecer, mas o mesmo idoso estava sendo atendido por dois alunos em dias alternados sem os alunos perceberem... eu sempre via estes idosos (o verdadeiro e o “clone”) e sempre achei que tudo estava bem. E realmente estava, pois ele terminou o tratamento mais rápido!!!

17h15 – hora de organizar e limpar o ambulatório para irmos embora. Foi quando nossa monitora, com muito boa vontade, decidiu conferir se os materiais que os alunos utilizaram estavam todos acondicionados, fechados e limpos. Numa tentativa de desentupir uma seringa de ácido, para acondicionamento de esmalte para resinas, ela, em um movimento um pouco mais ríspido, fez com que a tampa da seringa literalmente voasse pelos ares levando todo o conteúdo de dentro da seringa para o teto do ambulatório. Sim, voou ácido para o mundo! Ficou até parecendo uma arte abstrata na parede e no teto, pois o ácido é azul cintilante! (risos). Obviamente, a monitora teve que limpar toda a parede e o teto. Neste momento de limpeza, em que a monitora estava em cima de

uma escada limpando o teto com o material de limpeza, uma idosa muito bem-humorada entrou no ambulatório, observou a arte e disse: “cuidado para não cair dessa escada viu gurria? Pensa que é só idosa que cai???” . E saiu rindo e nos divertindo com seu bom humor!

E depois dessa sucessão de coisas engraçadas, o bom humor contaminou nosso ambulatório de leveza e alegria para continuarmos tocando em frente a complexa arte da Odontogeriatrics. Enfim, nunca pensei que meu trabalho me proporcionasse tantos momentos de alegria, risos, descontração e diversão. Hoje eu me diverti... É isso, me diverti no exercício do meu trabalho...

O bom humor e o rompimento momentâneo da linha tênue que intitula este texto é o segredo para a felicidade profissional, pelo menos parte dela!

## O aracnídeo

Hoje convidei Ella Fitzgerald para escrever comigo. Estou em casa com o ar condicionado ligado. Hoje fez 35 °C em Porto Alegre. Agora é início da noite mas está quente mesmo assim. Neste exato momento Ella canta: *It's summertime and the living is easy! Fish are jumping and the cotton is high.*<sup>1</sup> Pensando e passando pelo verão eu me lembrei que li em algum lugar que as aranhas saem de suas tocas no verão, pois nesta época do ano são mais ativas e saem em busca de alimento. Desse modo, durante os dias quentes de verão as aranhas aparecem.

Talvez nem todas as aranhas que saem de suas tocas no verão encontrem alimentos durante o dia. Pode ser que algo diferente aconteça e ela sirva de gatilho para o ensino da Odontogeriatrics. Vou explicar o porquê desta dúvida, em relação à vida de uma aranha, com um fragmento de um diário de campo da minha pesquisa autoetnográfica.

---

<sup>1</sup> "É verão e a vida fica tranquila. Os peixes estão felizes e a plantação de algodão está a todo vapor!"



Hoje foi um alvoroço no ambulatório. Um das alunas se assustaram e outros alunos abriram espaço para o que estava acontecendo. Um aluno adentrou no ambulatório com um vidro contendo um aracnídeo de mais ou menos 6 cm de diâmetro. Uma aranha grande e com patas bem grandes acondicionada dentro de um vidro que nos permitia olhá-la bem de perto e admirar sua perfeição invertebrada. Óbvio que o local para ficarmos observando a aranha não era dentro do ambulatório então pedi que o aluno se retirasse e que depois, no intervalo de supervisão dos alunos, eu iria conversar com ele com calma.

O idoso, que eu estava atendendo juntamente com os alunos, disse que era difícil aparecerem no pátio do asilo.

Fui ao encontro do aluno. Ele continuava com alguns outros alunos ao seu redor e o vidro com a famosa aranha. Ele me disse que estava com os fisioterapeutas e alguns idosos jogando bocha. Na cancha de bocha do asilo muitas atividades físicas são realizadas e alguns de nossos alunos participam junto. Nós, professores, pensamos que estar com idosos em uma cancha de bocha também é aprendizado da integralidade do cuidado. Enfim, durante o jogo, a famosa aranha simplesmente apareceu dentro da cancha. Foi uma correria e ninguém sabia o que fazer.

Matá-la? Não.

Vamos levá-la para os professores verem!

Particularmente, não sei o porquê trouxeram a aranha até o ambulatório para nos mostrar... mas uma aranha pode gerar muitos assuntos importantes!

Quando o aluno estava nos mostrando a aranha, e nos dizendo o tanto que os idosos gostavam de jogar bocha com eles depois do atendimento odontológico, percebi o quão interessante é para os alunos observarem os idosos nesses momentos de interação. Foi então que o famoso aracnídeo serviu de gatilho para um ótimo bate-papo com o grupo de alunos sobre vários assuntos fundamentais para a saúde do idoso. Como um psicanalista, fui buscando associações nas falas dos alunos para costurar tudo com a ciência por trás do que eles estavam verbalizando.

Achei interessante que o aluno (que nos trouxe a aranha) começou dizendo que ele percebia que tinha idosos com 89 anos com mais “agilidade na quadra” que outro idoso de 65 anos. Discutimos sobre esta agilidade em termos de condições físicas e capacidade funcional. Trabalhei com eles a questão da reserva funcional e a diferença de um idoso robusto, um frágil e as *nuances* de risco de fragilização existente entre estas duas condições. Naquele momento eles perceberam a riqueza do aprendizado no asilo, pois ali eles podiam acompanhar o cuidado em saúde bucal em idosos com todas as condições discutidas. Daí em diante começamos a conversar, reunidos no pátio do asilo, sobre a questão da funcionalidade no processo de envelhecimento. Conversamos principalmente sobre a importância destas interações dos alunos com os idosos em um momento de exercício físico descontraído e o quão importante esta questão é no processo de envelhecimento saudável.

Os alunos, neste dia do aracnídeo, foram muito questionadores sobre a questão da vulnerabilidade e da fragilidade dos idosos. Viram a importância da interação entre condições físicas, emocionais e sociais e o tanto que isso reflete no cuidado em saúde bucal que temos para oferecer, bem como na velhice que queremos ter um dia!



## A caixa de sapato e a busca pela função da boca

Nossa boca não tem utilidade se ela não funcionar direito. Pode até ser muito bonita, porém caso não funcione direito, não será muito útil. Essa é uma das verdades absolutas da nossa vida. Para funcionar bem, nossa boca, complexa como ela só, precisa de inúmeros órgãos funcionando satisfatoriamente para que possamos conversar, engolir, beijar, mastigar, etc. O dente é um órgão fundamental neste complexo funcionamento. Sem dentes, as coisas ficam um pouco difíceis. Para isso existem próteses dentárias. Elas existem para facilitar o funcionamento em caso de perdas dentárias. É uma processual substituição do natural pelo artificial. Essa substituição é muito complexa e, na atualidade geracional de idosos, ela é muito importante e útil.

Não vejo a velhice como um indicador para a falta de dentes. Porém, sabemos que ainda é comum o idoso ser reconhecido como um sujeito sem dentes, ou pelo menos um sujeito que naturalmente não tem dentes. É a carga cultural, a carga de falta de acesso ao cirurgião-dentista, e o não cuidado adequado que a boca recebeu ao longo dos anos que caracteriza um elevado número de perda den-

tária na atual geração de idosos. Pode ser que no futuro essa condição mude, mas o que ainda vemos por aí é um elevado número de idosos sem dentes. Se os idosos hoje estão sem dentes, a reabilitação protética é quem vai devolver a funcionalidade da boca.

Acredito que, hoje em dia, o que temos que entender é que precisamos reabilitar e prevenir a perda dentária nos jovens, adultos jovens e idosos jovens, e juntamente a este aspecto criar condições para manutenção do autocuidado até a finitude.

Utópico? Não sei.

Nessa perspectiva precisamos formar futuros cirurgiões-dentistas para o enfrentamento de uma população jovem e outra já envelhecida que necessitam de tratamentos restauradores, reabilitadores e preventivos para a perda dentária e manutenção do autocuidado.

Sim, é complexo. Eu sei.

Mas assim é a associação entre cuidados em saúde bucal e velhice. Complexidade do início ao fim do tratamento. E nesse processo todo de compreensão (e ensino) da complexidade dura da técnica, e viva da relação entre uma prótese e seu usuário, que se estrutura este pensamento sobre necessidade e utilização de próteses dentárias.

Quem não quer mastigar bem?

Quem não quer sorrir tranquilamente?

Dona Gisela,<sup>1</sup> que é frequentadora assídua do ambulatório da odonto (não por problemas odontológicos, mas por puro bem querer à nossa equipe e por puro prazer em conviver conosco), deu a sua rotineira passada hoje para fazer sua “ronda” semanal, nos abraçar e “assuntar”. Sempre chega como quem não quer nada, vai cumprimentando os alunos, nos cumprimenta, olha feio para alguma idosa que ela não gosta, sorri para outras que ela é amiga e assim é toda segunda-feira... nos traz alegria e carinho todas as segundas-feiras de tarde. Ela tem um grau leve de demência e é uma moradora muito conhecida e querida por todos! Tem prótese superior e inferior que foram recentemente ajustadas, porém de uns meses para cá, percebemos que ela estava sem a dentadura superior...

Hoje ela apareceu no ambulatório (como de costume) com uma caixa de sapato. Ela sinalizava que a caixa estava pesada e pediu para colocar em cima da mesa dos professores. Criamos um espaço na mesa e assim ela fez – colocou a caixa “pesada” em cima da mesa. Ela estava um pouco desconfiada e sorridente quando abriu a tampa da caixa de sapatos. Eu esperava ver um sapato novo que ela havia comprado ou algo do tipo.

Quando olhamos dentro da caixa... algumas dentaduras... acho que tinha umas 10 no total... todas misturadas as superiores e as inferiores... Obviamente ficamos sem reação... depois com o sorriso dela todos nós descontraímos... Uma idosa sem dentadura com uma caixa cheia delas... qual o significado desta cena? Imaginem uma

---

<sup>1</sup>Lembrando que todos os personagens porventura aqui citados são fictícios e foram construídos e inspirados em fatos reais.

fotografia tirada naquele momento. O que aquele momento representa? Alunos, uma idosa, três professores, uma caixa de sapato, várias dentaduras e muitos sorrisos surpresos no rosto de todos!!!

Alguns alunos iniciaram uma tentativa de saber o que estava acontecendo e saíram do ambulatório em busca de uma explicação... alunos com proatividade investigativa nessas horas são excelentes!

Enquanto isso, nós continuamos nos comunicando com a senhora Gisela. Pelo que conseguimos entender, a dentadura dela havia caído no chão e quebrado e ela queria muito mastigar e sorrir novamente... foi então que ela teve a ideia de ir em busca do maior número possível de dentaduras. Chegou com várias opções com o intuito de que uma delas iria servir no seu rebordo alveolar. Conversamos com ela tentando descobrir como ela havia conseguido tantas dentaduras... mas ela só queria que nós a ajudássemos a “encaixar” uma para ela... Entre risos e tentativas frustradas dela, conseguimos convencê-la de que o melhor a se fazer era uma prótese nova! Ela se entristeceu diante da frustração de que seu trabalho como coletora de dentaduras não havia dado certo!!!

Pensando na possível foto que o trecho do meu diário trouxe, fiquei pensando e relembro a cena. É interessante perceber a importância da saúde para alguns idosos. A vulnerabilidade, a capacidade funcional, bem como o risco de fragilidade são aspectos importantíssimos a serem observados no valor que a saúde bucal tem para um idoso. Uma “reserva funcional para a boca” é algo que se reflete

nesse contexto. Quanto mais cuidamos do nosso sorriso ao longo da vida, e mais acúmulos de cuidados temos neste processo, mais ele vai ser fundamental na velhice. Acredito que existe uma “reserva funcional para o sorriso e para a mastigação” especificamente como algo importante na funcionalidade da boca na velhice. Vejam o quão importante é o sorriso e a mastigação para a senhora Gisela. Em alguns idosos na mesma situação dela não percebo esta gana por ter o sorriso e mastigação de volta. Ela pensou estratégias para conseguir sua funcionalidade de volta!

E o desfecho dos alunos naquele dia?

Descobriram que há algum tempo alguns idosos se queixavam que suas dentaduras sumiam enquanto dormiam. Uma noite bem dormida e quando acordavam a dentadura não estava mais no copo com a pastilha efervescente. Sim, já havia queixas registradas. Nunca ninguém percebeu a astúcia de uma senhora em busca da funcionalidade da sua boca. E dentaduras foram sumindo, bem lentamente, durante meses.

Enfim, os valores para a mastigação e para um sorriso são diversos para as diferentes faixas etárias, e todos queremos mastigar bem e sorrir! Para isso precisamos de dentes ou uma caixa de sapato cheia de dentaduras! Foi a primeira vez na vida que vi um ato “criminoso” benevolente em prol do sorriso e da mastigação.





## Copa do Mundo, alemães e a resiliência

Hoje é início do mês de julho de 2014.

Sim, escrevo este diário de campo, que se transformou em narrativa, em plena Copa do Mundo de futebol. Neste momento da história do esporte brasileiro, nossas atividades de ensino da Odontogeriatrics seguem firmes e ainda não encerraram. Em plena Copa do Mundo a saúde bucal dos idosos prevalece! Início este diário com dúvida. Sim, estou em dúvida. Sou patriota? Acredito no Brasil? Vou continuar torcendo para o Brasil? Hoje é uma quarta-feira e estivemos ajustando próteses nos idosos do asilo. Ontem o asilo estava todo verde e amarelo e hoje o verde e amarelo, ainda presente na escadaria do asilo, se transformou em luto. Luto devido aos alemães. Então, vem a dúvida – como continuar acreditando no Brasil depois do que vivemos ontem? E aquela vontade de torcer e acreditar? Como lidar com esta sensação de derrota, de perda, de tristeza, e de desânimo?

Resiliência, esta é a resposta. Ser resiliente. A resiliência é algo que se aprende com a vida. Quem tem um pouco mais de vida, sabe trabalhar com a resiliência. Dito de outra forma, um idoso sabe mais facilmente lidar com perdas e derrotas, pois ao longo da vida já vivenciou muitas delas. Então, estar no asilo e o cuidado da saúde bucal dos idosos nos permite aprender um pouco sobre esta tal resiliência.

Conversando com um idoso:

– Professor não fica triste com isso que a Alemanha nos fez, tudo volta ao normal e outros títulos virão. É triste eu sei, além disso sou gremista e meu time também está mal das pernas, mas a gente se adapta com essa derrota de 7 a 0... bah. Mas o negócio é resistir e chutar a bola para frente, sempre! (risos)...

Sentia o gosto da derrota nas papilas. Mas a derrota faz parte da vida e no fundo temos que saber perder e resistir e continuar caminhando. A resiliência precisa fazer parte das nossas vidas para continuarmos chutando a bola para o gol. Mas hoje a bola está de lado e meu diário de campo também. A Copa do Mundo acabou e este texto também.

Estranho, escrevi 7 parágrafos, em 7 minutos, em um texto que contém um título que contém 7 palavras. Chega!

## A despedida

Hoje amanheceu chovendo.

Vem aquela chuva que anuncia a temporada de inverno no sul do Brasil. Agora são 11 horas da noite e continua chovendo. Chove uma chuva mansa que me convidou a escrever mais uma vez. Aqui estou eu, com uma chuva que molha meus pensamentos sobre como escrever sobre um fato que aconteceu nesta semana na última aula do semestre. Porém, neste exato momento os tais pensamentos molhados escorreram pelos meus dedos e foram-se embora. Foram-se embora sem se despedir de mim. Não gosto de despedidas. Mas, mesmo sem gostar dela, senti falta da despedida destes pensamentos para eu escrever este texto. Eles podiam pelo menos falar mais ou menos assim antes de sumirem: – “Oi Alexandre, foi muito bom trabalhar com você durante este livro mas precisamos ir. Temos outra jornada pela frente, talvez retornamos para um outro desafio contigo, mas no momento estamos indo! Continue seguindo seu caminho”!

Mas não foi bem assim, eles (os pensamentos para continuar a escrever) simplesmente se foram. E agora me vejo com minhas memórias.

Memórias são diferentes de pensamentos.

Os nossos pensamentos até podemos controlá-los, mas a memória ela vem quando ela quer. Podemos estimulá-las, mas elas vêm quando elas querem. Elas têm, praticamente, vida própria. Algumas vezes um diário de campo, um lembrete escrito, uma gravação de áudio ou até mesmo uma foto nos trazem gatilhos de lembranças que estimulam nossa memória. É assim que analisei os dados desta minha autoetnografia, estimulando minhas memórias e construindo pensamentos sobre o que elas discursavam. Fui resgatando as lembranças por meio destes instrumentos de pesquisa. Aquela memória que não quer se apresentar, muitas vezes se apresenta quando estimulada por alguma coisa. Ou ela se apresenta inesperadamente quando ouvimos uma determinada música, cruzamos com um outro olhar, sentimos um cheiro, ouvimos o barulhinho da chuva... E da mesma maneira que ela vem, ela pode sumir. Às vezes ela some para sempre! Por tudo isso que eu costumo diferenciar pensamentos de memórias.

Neste momento, consigo perceber que outros pensamentos estão se aproximando. Sinto eles descendo da altura do meu esfenóide, escorregando pelo meu pescoço, se distribuindo pelos meus braços e, literalmente, projetando-se para o teclado no meu computador. Sim, outros pensamentos vieram e, juntamente com os gatilhos, vieram para estimular minha memória – vou continuar escrevendo.

Ainda não me despeço deste livro.

Falta um tema muito importante, a despedida. É, eu não gosto dela, como já escrevi anteriormente, porém eu vivo a(s) despedida(s) como algo importante na vida. Sejam elas tristes ou felizes, elas sempre nos transmitem algo de vivo e abstrato que fazem parte do que-

bra-cabeça da vida. Viver uma despedida faz parte da vida. Todos os dias nos despedimos.

Pare para pensar. A vida é despedida o tempo todo.

Quando saio de casa para trabalhar: é uma despedida de enfrentamento.

Quando saio da sala de aula após um turno de trabalho cansativo: é uma despedida de dever cumprido.

Quando acaba uma peça de teatro: é uma despedida aplaudida.

Quando finalizamos uma pesquisa: é uma despedida de resultados.

Quando desligo meu celular ao terminar uma ligação com alguém que amo, e que está bem longe: é uma despedida doída de saudade.

Quando enterro um ente querido: é uma despedida de luto.

Quando me despedi da minha cidade natal: foi uma despedida de oportunidades.

Quando saio de um avião: é uma despedida de “graças a Deus!”.

E como será a despedida de uma vida profissional dedicada ao ensino na saúde? Esta eu ainda não vivi. Eu já participei e visualizei, mas ainda não vivi. Refiro-me àquela despedida que um dia todo trabalhador vivenciará. A despedida daquela vida inteira dedicada ao trabalho e que, em um determinado momento, precisa de uma decisão: parar de se dedicar ao trabalho. Parar de exercer um ofício, uma profissão ou mesmo uma ocupação profissional. Minha memória me trouxe uma lembrança boa deste tipo de despedida.

Na semana passada uma colega de trabalho se aposentou. Esta colega, que se dedicou ao ensino da Odontologia durante décadas contribuindo para a formação de cirurgiões-dentistas, despediu-se da sala de aula, dos alunos, dos colegas de trabalho e dos inúmeros usuários do serviço de saúde em que ela atuava. Dentre estes usuários encon-

travam-se muitos idosos. Em todos os sentidos, os idosos se despediram do seu trabalho um dia na vida. Seja a dona de casa que cuidou da família e da casa até um juiz que deliberou julgamentos. Seja por escolha própria ou pelo passar do tempo, ou pelas fragilidades advindas do passar deste tempo, todos um dia vamos nos despedir da nossa caminhada profissional.

No caso desta minha colega que se despediu da ocupação profissional de anos, foi interessante ver o reconhecimento dos idosos diante da despedida de uma professora de Odontologia. Pude perceber o olhar de agradecimento destes idosos na homenagem de despedida desta minha colega de trabalho. Ao discursar sobre sua despedida, dos palcos do ensino da Odontologia, minha colega se emocionava, os alunos se emocionavam, os idosos se emocionavam e eu também. Esta despedida foi como uma catarse aristotélica intergeracional na qual várias emoções foram transmitidas à plateia de diferentes faixas etárias e uma sensação coletiva de agradecimento veio à tona naquele momento.

Neste episódio de homenagem na forma de uma despedida, despedida do trabalho de uma professora de Odontologia, um aspecto me chamou a atenção: a gratidão. Falo da gratidão dos idosos para com a professora por ela ter contribuído para a formação de cirurgiões-dentistas que no futuro vão entender do cuidado da saúde bucal de idosos. Foi interessante olhar para os idosos, neste momento de reconhecimento, pois todos eles, principalmente aqueles em idade mais avançada, já passaram pela despedida de sua ocupação profissional. Naquele momento de despedida, o reconhecimento escorria pelas lágrimas e sonorizava-se nos aplausos que estes idosos performavam durante a homenagem. Muitos diziam que eram

gratos pelo fato da referida professora ensinar para os mais jovens como cuidar da saúde bucal deles. Era uma gratidão explícita pela educação e formação em saúde. Ser reconhecido por pessoas mais velhas pelo fato de ensinar os mais jovens.

Foi muito importante presenciar esta manifestação durante minha caminhada profissional. Foram diferentes gerações apreciando uma só despedida e reconhecendo tal fato. Alunos, professores e idosos numa só simbologia de reconhecimento da importância do ensino da Odontologia.

Enfim, neste processo todo de aprender e ensinar Odontologia despeço-me deste livro com muitas memórias e muitos pensamentos que, de certo modo, me fizeram aprender com o que eu fiz, melhorar o que faço hoje e seguir caminhando e me despedindo até onde minhas pernas permitirem.





## Referências

ADLER, P. A.; ADLER, P. Observational techniques. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *The sage handbook of qualitative research*. Thousands Oaks: SAGE, 1994. Vol. 1, p. 377-392.

BOSLLE, F.; MOLINE, V. No “olho do furacão”: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Curitiba, v. 31, n. 1, p. 131-146, 2009.

BEAUVOIR, S. *Mal-entendido em Moscou*. Record: 2015, 144p.

BRITO, R. D.; CARVALHO, C. Macroeconomic effects of the demographic transition in Brazil. *Asymmetric demography and the global economy*, Palgrave Macmillan US, p. 151-185, 2015.

BULGARELLI, A. et al. Healthcare training with experience in the National Health System: students? Perceptions regarding the dentistry course at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), Brazil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 18 n. 49, p. 351-362, 2014.

BULGARELLI, A. F.; TOASSI, R. F. C. Narrative of a teaching practice. An autoethnography about being a geriatrics professor. *Ethnography and education*, London. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/17457823.2017.1299026>/ Acesso em: 02 maio 2017.

DENZIN, N. Interpretive autoethnography. *Qualitative research methods*. New York: SAGE publications, 2014.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. 345p.

GEERTZ, C. *The interpretation of cultures: selected essays*. New York: Basic Books, 1989.

GERGEN, K. J. *An invitation to social construction*. New York: SAGE publications, 2015.

LUCINDA, E. *Parem de falar mal da rotina*. Rio de Janeiro: Lua de papel, 2010. 235p.

MUNCEY, T. *Creating autoethnographies*. New York: SAGE publications, 2010.



New Baskerville 11  
Offset 75 g/m<sup>2</sup>  
Gráfica da UFRGS

---

Editora da UFRGS • Ramiro Barcelos, 2500 – Porto Alegre, RS – 90035-003 – Fone/fax (51) 3308-5645 – [admeditora@ufrgs.br](mailto:admeditora@ufrgs.br) – [www.editora.ufrgs.br](http://www.editora.ufrgs.br) • Direção: Luciane Delani • Editoração: Lucas Ferreira de Andrade (Coordenador), Clarissa Felkl Prevedello, Marleni Matte e Rafael Menezes Luz • Administração: Aline Vasconcelos da Silveira, Cláudio Oliveira Rios, Fernanda Kautzmann, Gabriela Azevedo, Heloísa Polese Machado, Jaqueline Trombin e Laerte Balbinot Dias



Pretendo com este livro proporcionar uma leitura leve, articulada no tempo e espaço, de maneira descontraída para apresentar resultados de uma pesquisa densa que envolve assuntos profundos e emocionalmente necessários. Pensei em fazer o leitor refletir sobre a condição de ensinar e aprender a Odontologia geriátrica. E tento, também, fazer o leitor pensar um pouco na velhice que, no meu caso, ainda está por vir.